

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Poslin-Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

André Luiz Rosa Teixeira

**Descrição Sistêmico-Funcional do verbo no português brasileiro orientada
para os Estudos da Tradução:
o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Dissertação

Belo Horizonte
2017

André Luiz Rosa Teixeira

**Descrição Sistêmico-Funcional do verbo no português brasileiro orientada
para os Estudos da Tradução:
o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução- 3B

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte

2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

T266d

Teixeira, André Luiz Rosa.

Descrição sistêmico-funcional do verbo no português brasileiro orientada para os estudos da tradução [manuscrito]: o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA / André Luiz Rosa Teixeira. – 2017. 97 p., enc.: il., color., p&b.

Orientadora: Adriana Silvina Pagano.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: p. 94-96.

Anexos: p. 97.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2.

Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Língua

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



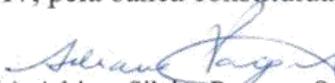
FOLHA DE APROVAÇÃO

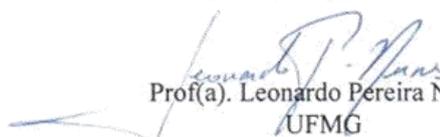
Descrição Sistêmico-Funcional do verbo no português brasileiro orientada para os Estudos da Tradução: o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

ANDRE LUIZ ROSA TEIXEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 15 de março de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Adriana Silvina Pagano - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Leonardo Pereira Nunes
UFMG


Prof(a). Giacomo Patrocínio Figueredo
UFOP

Belo Horizonte, 15 de março de 2017.

Agradecimentos

À professora Adriana Pagano, pela paciência inesgotável, por ser fonte de conhecimento sempre pronta a auxiliar nos momentos difíceis e pelas palavras de incentivo.

Ao Arthur de Melo Sá, sem o qual não seria possível este trabalho, pelas tardes sem fim de discussão acerca não só da ciência, mas de assuntos dos mais variados e aleatórios, que fizeram o caminho, duro, mais divertido de percorrer (mais duro na verdade).

Aos colegas do LETRA, sempre prontos a ajudar com palavras de apoio, com os quais tenho o prazer de dividir a trajetória acadêmica.

À CAPES pelo apoio financeiro ao longo do mestrado.

À minha mãe, Darci Rosa, pelo amor e apoio incondicionais, por me suportar e me dar sempre energia para continuar, qualquer que seja o caminho escolhido.

Resumo

Esta dissertação enfoca a tradução sob a perspectiva da teoria sistêmico-funcional (Teich, 1999; Matthiessen, 2001), mais especificamente sob a perspectiva da dimensão da instanciação, como processo de produção linguística particular, decorrente do contato linguístico entre sistemas linguísticos a partir da relação estabelecida entre textos, de acordo com a proposta dos estudos multilíngues (Matthiessen, Teruya e Wu, 2008) e partindo-se do pressuposto de a descrição linguística ser passo imprescindível para a comparação linguística e a comparação, por sua vez, imprescindível para os Estudos da Tradução. Apresenta, sob a perspectiva do componente lógico, uma descrição dos níveis mais delicados do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo no português brasileiro - modificação da experiência- que é responsável pela construção de novas experiências através da modificação lógico-semântica. Para essa descrição foram extraídos dados de um corpus de pesquisa, CALIBRA - Catálogo da Língua Brasileira, baseado em parâmetros sistêmico-funcionais. Foi compilado um corpus de estudo com aproximadamente 9.800 *tokens* no total, composto por textos de aproximadamente 300 *tokens* cada, sob as combinações das variáveis da língua em contexto. O verbo foi abordado sob uma perspectiva trinocular, com enfoque nas perspectivas “de baixo” e “ao redor”. “De baixo”, os verbos foram segmentados nos morfemas que os constituem, morfemas experienciais (ME), morfemas lógico-semânticos (MLS) e morfemas interpessoais (MI). “Ao redor”, os verbos foram anotados manualmente de acordo com a relação de modificação estabelecidas entre os morfemas lógico-semânticos e os morfemas experienciais, visando a descrever os níveis mais delicados dos sistemas que organizam sua estrutura lógica. Os resultados revelaram que, sob a perspectiva do componente lógico, a estrutura lógica do verbo é de variação única e organizada pelos sistemas de: TAXE, tendo a hipotaxe realizada pela estrutura MLS^ME , e a parataxe por ME^ME ; sistema de TIPOS DE EXPANSÃO, com as opções de elaboração, extensão e intensificação, pois não foram encontradas instâncias cuja modificação estabelecesse relação de projeção; e o sistema de RECURSIVIDADE, que abre a opção de selecionar no mesmo sistema novamente. A anotação das relações de modificação estabelecidas revelou os morfemas com o potencial de realizar cada uma das relações em determinada posição de modificação

da direita para a esquerda na estrutura lógica do verbo. Os resultados mostraram também que alguns morfemas lógico-semânticos não são mais operacionais/produtivos no português brasileiro sob uma perspectiva filogenética sincrônica com enfoque no presente estágio evolutivo dos sistemas.

Palavras-chave: abordagem sistêmico-funcional da tradução, estudos da tradução, descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, descrição do verbo em português brasileiro.

Abstract

This thesis draws on systemic-functional linguistics to examine translation (Teich, 1999; Matthiessen, 2001) through the dimension of instantiation, as a particular linguistic production process resulting from the contact established between systems instantiated in texts as seen from a multilingual studies perspective (Matthiessen, Teruya and Wu, 2008), wherein description of grammatical systems is an essential step to the study of translation. It presents a systemic-functional description of the delicate levels of the system of MODIFICATION OF EXPERIENCE, which organizes the logical structure of the verb in Brazilian Portuguese. A 9.800 token-corpus (with 300 token-texts per combination of functional parameters) was built from data retrieved from a monolingual corpus, CALIBRA (*Catálogo da Língua Brasileira*), compiled according to systemic-functional parameters. The verb was approached from a trinocular perspective, focusing on the views “from below” and “from roundabout”. “From below”, verbs were segmented into experiential morphemes, interpersonal morphemes and logico-semantic morphemes. “From roundabout”, verbs were annotated according to the logico-semantic relations established between the logico-semantic and experiential morphemes, in order to describe the delicate levels of the system that organizes the logical structure of the verb. Results revealed that, from the logical perspective, the verb has a univariate logical structure, organized by the systems of TAXIS: hypotaxis, realized by the structure $MLS^{\wedge}ME$, and parataxis realized by the structure $ME^{\wedge}ME$; system of TYPES OF EXPANSION: elaborating, extending, enhancing; and the system of RECURSION, which allows for selection in the system iteratively. The annotation of the logical-semantic relations also revealed which morphemes have the potential to realize each of the expansion relations in each of the positions of the logical structure. Results also showed that some logical-semantic morphemes are no longer operational in Brazilian Portuguese from a synchronic phylogenetic perspective focusing on the present stage of evolution of the system.

Keywords: systemic approaches to translation, translation studies, systemic-functional description of Brazilian Portuguese, description of the verb in Brazilian Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização da pesquisa no campo disciplinar dos Estudos da Tradução.	12
Figura 2- Campos de estudo e contínuo de instanciação	20
Figura 3- Estudos multilíngues em termos de contínuo de instanciação e número de línguas.....	21
Figura 4- Estratificação	35
Figura 5- Localização da pesquisa na matriz estratificação-instanciação	37
Figura 6- Captura de tela da planilha de anotação.....	56
Figura 7- Primeiro nível de delicadeza do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA .	59
Figura 8- Sistema de TAXE.....	65
Figura 9- Sistema de TIPOS DE EXPANSÃO.....	67
Figura 10- Sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA-Um passo na delicadeza	68
Figura 11- Contínuo de operacionalização de morfemas lógico-semânticos	80
Figura 12- Sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....	85
Figura 13- Significados realizados por derivação no inglês	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Localização do objeto de estudo na matriz de função-ordem	15
Quadro 2-Dimensões da linguagem e princípios de organização	32
Quadro 3-Linguagem no contexto de cultura	52
Quadro 4- Divisão do corpus de estudo	53
Quadro 5- Representação da estrutura lógica do verbo.....	64
Quadro 6- Relações lógico-semânticas de expansão estabelecidas no verbo	68
Quadro 7-Modificação da experiência- Hipotaxe & expansão:extensão	71
Quadro 8-Estrutura lógica-Hipotaxe & expansão: elaboração	72
Quadro 9- Estrutura lógica-Hipotaxe & expansão: intensificação.....	73
Quadro 10-Potencial de morfemas na realização de relações lógico-semânticas e exemplos.....	75
Quadro 11-Morfemas não-operacionais sincronicamente.....	77
Quadro 12- Exemplos morfemas não-operacionais	78
Quadro 13-Comparativo de morfemas operacionais e não-operacionais	79
Quadro 14-Exemplos ao longo do contínuo de operacionalização de morfemas lógicos-semânticos.....	80
Quadro 15- Exemplos relações lógico-semânticas	87

LISTA DE ANEXOS

Anexo A.....	98
--------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	Fundamentos da interface entre a LSF e os Estudos da Tradução	17
2.2	Catford (1965) e Matthiessen (2001)	22
2.3	Fundamentos da descrição sistêmico-funcional de orientação tipológica e a Linguística Sistêmico-Funcional	25
2.3.1	Fundamentos da descrição sistêmico-funcional de orientação tipológica	26
2.3.2	A Linguística Sistêmico-Funcional	31
2.4	Descrição linguística e os Estudos da Tradução	41
2.5	O verbo no português brasileiro segundo uma abordagem sistêmico-funcional	44
2.6	Estruturas lógicas	46
2.6.1	Sincronia/ diacronia e a perspectiva semogenética da LSF	48
3	METODOLOGIA	51
3.1	Corpus de pesquisa	51
3.2	Corpus de estudo	52
3.3	Análise do corpus de estudo	54
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
4.1	Sistema de organização da estrutura lógica do verbo: MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA	58
4.2	Discussão dos resultados	82
4.2.1	Estudos descritivos	83
4.2.2	Estudos teóricos	88
4.2.3	Estudos aplicados	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	96
	ANEXOS	98

1 INTRODUÇÃO

O denominado “mapa de Holmes” é um texto fundacional do campo disciplinar dos Estudos da Tradução, ao estabelecer um mapeamento geral desse campo com vistas a consolidá-lo como ciência empírica (cf. Toury, 1995). O autor inicialmente divide as atividades do campo disciplinar em estudos puros e aplicados (ao ensino de línguas ou treinamento de tradutores). Os estudos puros são subdivididos em teóricos e descritivos.

Os estudos teóricos podem ser gerais ou parciais (restritos ao meio, à área, à ordem, ao tipo de texto, ao tempo ou ao problema). Os estudos descritivos, por sua vez, podem ser orientados ao produto da tradução (texto traduzido), ao processo, ou seja, pesquisas que investigam o processo cognitivo e padrões de escolhas dos tradutores durante uma tarefa tradutória, ou à função dos textos traduzidos tanto no seu contexto de produção quanto no contexto de recepção.

A presente pesquisa se afilia aos estudos descritivos orientados para o produto, como observa-se no diagrama apresentado na Figura 1, a seguir:



Figura 1- Localização da pesquisa no campo disciplinar dos Estudos da Tradução

Fonte: Traduzido e Adaptado de Toury (1995, p. 10), destaque meu.

Inserindo-se nos estudos descritivos orientados para o produto e tendo a língua e a produção linguística como objeto de estudo, a presente pesquisa opera na interface entre os Estudos da Tradução (de base linguística) (cf. Malmkjaer, 2005) e os Estudos

Linguísticos (descrição de base sistêmico-funcional) adotando assim uma abordagem sistêmico-funcional da tradução (cf. Matthiessen, 2001; Teich, 1999/2001;). Sob o ponto de vista dessa abordagem, entende-se que a linguagem é um potencial de construção de significados (sistema semiótico de quarta ordem superior) (cf. Halliday, 1978; Matthiessen, 2001; Halliday e Matthiessen, 2014), e a tradução um tipo de produção particular, fruto do contato linguístico (cf. Matthiessen, 2001; Teich, 1999/2001).

Como apontam Pagano e Vasconcelos (2005),

(...) abordagens que reduzem a tradução a uma atividade meramente linguística, considerando-a apenas como uma operação na linguagem e de linguagem, sofrem de sérias limitações, por serem fundadas em modelos de sistemas linguísticos abstratos (...) Para atender às demandas das complexidades da tradução e do ato de traduzir, tanto na perspectiva do engajamento com a pesquisa, quanto na perspectiva do engajamento com o ensino de tradução, faz-se necessário recorrer a abordagens calcadas em modelos que considerem a língua em uso, de tal forma a acolher o estudo de textos (traduzidos ou não) como configurações de significados multidimensionais e não apenas como receptáculos de conteúdos estáveis.

A presente pesquisa adota a Linguística Sistêmico-Funcional como teoria de base, que toma a língua em uso, sempre examinando os contextos de situação e cultura, o que permite reconhecer a tradução como um tipo de produção linguística particular e que pode ser localizada dentro de um ambiente multilíngue de construção de significado (cf. Matthiessen, Teruya e Wu, 2008).

Partindo-se da necessidade de aumentar o escopo de análise e integrar a tradução num ambiente mais amplo, Figueredo (2011) aponta que estudos mais recentes passam a abordar a tradução pelo contínuo instancial (cf. Figueredo, 2011; Matthiessen 2001; Steiner e Yallop, 2001; Teich, 1999/2001). Essa mudança de abordagem é o que permite a evolução das abordagens sistêmico-funcionais da tradução dos primeiros estudos para a visão atual. Essa perspectiva é decorrente da necessidade de se abordar a tradução não apenas no polo instancial, examinando apenas o produto concreto do processo, mas caminhando-se para o polo potencial, pois, como afirma Figueredo (2011, p. 28):

O estudo da tradução requer o estabelecimento de um processo complexo de investigação que inclui entender o produto da tradução como o resultado de operações linguísticas condicionadas por fatores como o envolvimento de mais de uma língua, o papel do tradutor como o produtor de significado e a relação entre a tradução e outros tipos de metateorias que se ocupam do contato entre línguas no ambiente multilíngue.

Nesse sentido, a presente dissertação adota uma perspectiva tipológica, entendendo a Tipologia num sentido mais amplo como o estudo que enfoca o contraste entre sistemas comparáveis entre as línguas (cf. Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004).

Partindo-se da visão sistêmico-funcional, que concebe a linguagem como um potencial sistêmico de produção de significado e da abordagem sistêmico-funcional da tradução, que considera a tradução como um subpotencial particular de produção, três passos importantes permitem o mapeamento que opera entre os sistemas potenciais instanciados nos textos em relação de tradução e podem contribuir para a consolidação de uma teoria da tradução, a saber, 1) descrições calcadas em um modelo multidimensional, 2) comparação/contraste (com base nos subsídios da primeira) dos sistemas descritos e 3) estudo da motivação das escolhas tradutórias. Nesse sentido, os trabalhos de descrição se justificam dentro da interface dos Estudos da Tradução de base linguística e dos estudos linguísticos (de base sistêmico-funcional) por gerarem subsídios com potencial de aplicação dentro dos Estudos da Tradução (cf. Teich, 1999/2001; Steiner e Yallop, 2001).

As iniciativas de descrição do português brasileiro com base sistêmico-funcional orientadas para os Estudos da Tradução têm como alguns dos expoentes os trabalhos de Araújo (2007), que faz a descrição do sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical no português brasileiro; Figueredo (2007) com uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português; Figueredo (2011) com um trabalho de introdução metafuncional do português brasileiro; Figueredo; Pagano; Ferregueti (2014), que descrevem os sistemas textuais de focalização na organização funcional da gramática do português brasileiro e Sá (2016), que oferece uma descrição da estrutura do grupo verbal no português brasileiro.

Sá (2016) realizou uma descrição do verbo sob a perspectiva “de baixo”, examinando os morfemas que compõem sua estrutura: morfema experiencial, morfema interpessoal e morfema lógico-semântico; “ao redor”, de acordo com os paradigmas que o organizam; e sob a perspectiva “de cima”, de acordo com as funções que o verbo realiza no grupo. Também descreveu o grupo verbal conforme a sua composição: “de baixo”, observando os verbos que realizam as funções de Núcleo, Evento, Auxiliar, Modal e preposições; “ao redor” examinando os sistemas que organizam o grupo foram descritos, a saber, os sistemas de TIPO DE EVENTO,

FINITUDE, TEMPO SECUNDÁRIO, ASPECTO, AGÊNCIA, MODALIDADE E RELAÇÕES DE TAXE e LÓGICO-SEMÂNTICAS entre grupos; e “de cima” apresentando as contribuições do grupo verbal na realização de funções na ordem da oração, por exemplo, no âmbito da negociação dos significados (Finito) e da experiência (Predicador).

A descrição realizada por Sá (2016), como o próprio autor aponta, contemplou, na ordem da palavra, apenas os níveis menos delicados dos sistemas que organizam sua estrutura. O presente trabalho visa assim a apresentar uma descrição nos níveis mais delicados dos sistemas que organizam a estrutura do verbo no português brasileiro.

Partindo-se do modelo linguístico sistêmico-funcional, é possível localizar o objeto de estudo da presente dissertação na matriz função-ordem, na qual são dispostos os recursos internos de organização da linguagem (metafunções ideacional, interpessoal e textual) e a hierarquia composicional (oração~grupo~palavra~morfema)

Quadro 1- Localização do objeto de estudo na matriz de função-ordem

Estratos	Ordem	Classe	Metafunções				
			Lógica	Experiencial	Interpessoal	Textual	
lexicográfica			TAXE E TIPO DE RELAÇÃO- LÓGICO- SEMÂNTICA	TEMPO VERBAL SECUNDÁRIO e ASPECTO VERBAL	TIPO DE EVENTO, AGÊNCIA	FINITUDE, MODALIDADE	
	grupo/frase	verbal					
	palavra	verbo		MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA	TIPO DE EXPERIÊNCIA	ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL	
fonologia							
			complexos	simplexos			

Fonte: Adaptado de Sá (2016, p. 18), destaque meu.

Como é possível verificar no destaque em negrito no Quadro 1 acima, o trabalho de descrição desenvolvido na presente dissertação se concentra na ordem da palavra verbal: verbo, metafunção ideacional, componente lógico, limitando-se a descrever, em maior grau de delicadeza, o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

A partir da delimitação dos espaços teóricos que servem de base para o desenvolvimento da pesquisa, assim como a delimitação e localização do objeto de estudo sob exame, é possível apresentar os objetivos da presente pesquisa. Essa pesquisa tem como objetivos gerais: contribuir para a descrição de base sistêmico-

funcional do português brasileiro e conseqüentemente para os estudos sistêmicos-funcionais de maneira geral; contribuir para os Estudos da Tradução, oferecendo subsídios que permitam a comparação e a análise das motivações para as escolhas sistêmicas, ampliando assim a abrangência dos Estudos da Tradução de base sistêmico-funcional. A dissertação que segue tem como objetivos específicos: descrever os níveis mais delicados do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo no português brasileiro, o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, e os subsistemas que organizam os significados de taxa e relações lógico-semânticas.

Esta dissertação está composta por 5 capítulos, além desta Introdução. No capítulo 1 é apresentada a fundamentação teórica e interface entre a Linguística Sistêmico-funcional e os Estudos da tradução. Serão apresentados fundamentos de descrição de base sistêmico-funcional de orientação tipológica e o modelo teórico empregado na pesquisa. Ainda no capítulo 1, é apresentado um panorama do verbo no português brasileiro, sob a perspectiva da LSF, com base na descrição realizada por Sá (2016) e são tecidas considerações sobre estruturas lógicas e a visão filogenética da LSF, relacionando com os conceitos gerais de sincronia e diacronia. O capítulo 2 apresenta a metodologia empregada, os corpora de pesquisa e de estudo, e a metodologia de análise do corpus de estudo. No cap. 3 são apresentados os resultados e a discussão. No cap. 4 são tecidas as considerações finais do trabalho. Após as considerações finais, são apresentados a Bibliografia consultada e os Anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Fundamentos da interface entre a LSF e os Estudos da Tradução

A seguinte seção tem por objetivo apresentar o aporte teórico que foi empregado nesta pesquisa, delimitando os espaços teóricos dos Estudos da Tradução, e sua relação com campos disciplinares afins, e da Linguística Sistêmico-Funcional. Em primeiro lugar, será traçado o perfil do campo disciplinar dos Estudos da Tradução que por sua vez será localizado no escopo do campo de estudos proposto por Matthiessen, Teruya e Wu (2008), denominado estudos multilíngues. Em seguida, será apresentada a interface entre a LSF e os Estudos da Tradução.

Como já foi apresentado na introdução, sob a perspectiva dos Estudos da Tradução, o presente trabalho se insere nos estudos puros, descritivos e orientados para ao produto. Segundo Malmkjaer (2005), o produto da tradução pode ser abordado sob quatro perspectivas: abordagens linguísticas, descritivas, funcionais e culturais, e adotar uma abordagem implica em: 1) usar a tradução para aumentar o escopo da teoria de uma outra área, à medida que inclui a tradução dentro do escopo de fenômenos que abarca; 2) desenvolver uma teoria da tradução aplicando uma teoria de outra área, colocando a primeira como uma subárea da última; e 3) empregar conceitos de uma teoria de outra área, mas manter o caráter particular da tradução.

Tradicionalmente, os trabalhos que adotam as abordagens linguísticas da tradução entendem os Estudos da Tradução como uma subárea da linguística. Contudo, Steiner (2001) afirma que uma mudança de paradigma apresentada no que tange as abordagens metodológicas empregadas nos trabalhos no campo disciplinar, de *o que é?* (fenômenos investigados) para *como funciona a tradução?* (relações de realização entre sistemas fonte e alvo instanciados em TF's e TA's), pode aumentar o potencial da interface entre os Estudos da tradução e teorias linguísticas de base, contribuindo para a consolidação de uma teoria de tradução que seja afiliada ao campo dos Estudos da Tradução e que entenda a tradução como um objeto de estudo próprio. Steiner (2001) enfatiza que:

O interesse na mudança de abordagem de 'o que é tradução' para 'como os textos traduzidos funcionam' pode trazer benefícios para a área ao ser visto como enfoque dos Estudos da Tradução, em parte compartilhado com áreas afins como a linguística e a literatura, na medida em que as últimas têm uma

orientação para o texto (...) interesse que serve como fator unificador para os Estudos da Tradução. (STEINER, 2001, p. 345,346)¹

Sob visão da abordagem sistêmico-funcional da tradução, a tradução é entendida como um mapeamento semântico (*semantic mapping*) entre sistemas potenciais de produção de significado (Matthiessen, 2001) e sua instanciação, e constitui-se como subpotencial particular de produção de significados por operar em ambientes de contato linguístico (Matthiessen, 2001; Teich, 1999/2001). Neste sentido, a linguagem é sempre abordada com relação ao seu contexto, já que “abordagens que concebem a tradução como operação apenas *de* linguagem e *na* linguagem”, ou seja, concentrando seus esforços apenas nos objetos linguísticos (não considerando os estratos mais abstratos), sofrem limitações quanto ao escopo das análises das relações tradutórias. (PAGANO e VASCONCELLOS, 2005)

A mudança de enfoque de -“o que é?” para “como funciona?”- aponta para a necessidade de os Estudos da Tradução se basearem em uma teoria linguística que tome a linguagem como sistema semiótico, e uma teoria cuja arquitetura permita estudos tanto no estrato contextual, semântico quanto léxico-gramatical. Steiner (2001, p.347) argumenta que “textos traduzidos são objetos linguísticos e semióticos multimodais”, apontando para a importância de as metodologias aplicadas no estudo desse objeto manterem seu “contato com sua base linguística e conseqüentemente semiótica”. Assim, o exame da relação contrastiva entre duas unidades de significado, com base em um modelo linguístico com potencial de aplicação aos sistemas envolvidos pode contribuir para a consolidação de uma teoria linguística da tradução, afiliada aos Estudos da Tradução, e em diálogo com a Linguística Contrastiva e a Tipologia linguística, num ambiente multilíngue.

Partindo dessa visão de tradução, Teich (1999/2001) aponta para a necessidade de se modelar os recursos da linguística contrastiva envolvidos nos Estudos da Tradução, visto que, a tradução requer conhecimentos técnicos sobre as semelhanças e contrastes não só entre os textos instanciados, mas entre os potenciais de produção de significado em ambas as culturas e como esse potencial é

¹ **Minha tradução de** : “The interest in the *how* (and in that sense in the *what*) can usefully be seen as the province of translation Studies, partly shared with its close sisters linguistics and literary studies — to the extent that these latter have a textual orientation, (...)an interest which may serve to unify Translation Studies”

instanciado. Além disso, a autora aponta para o fato de que a tradução se constitui como um potencial de produção de significado particular, que se difere da produção monolíngue de significado, à medida que esse processo demanda, como apontado acima, um conhecimento contrastivo dos meios pelos quais cada língua realiza seu potencial de produção de significado instanciando-o (no texto), decorrente, portanto, do contato linguístico.

De acordo com Teich (1999/2001), para que um modelo de tradução tenha potencial de aplicação, alguns parâmetros devem ser contemplados: “1) o modelo deve apresentar categorias de representação do sistema linguístico que tenham potencial de aplicação às línguas envolvidas; 2) o modelo deve permitir as análises do contato entre os sistemas e sua instanciação nos textos e 3) as categorias do modelo devem permitir a ancoragem de conceitos dos Estudos da Tradução como equivalência, correspondência, estratégias e procedimentos de tradução.” (TEICH, 1999, p. 508). Para a consolidação de um modelo que cumpra todos os parâmetros apontados acima, Teich (1999/2001) argumenta que a LSF se apresenta como uma teoria linguística de base pois contempla os parâmetros apontados pela autora, e apresenta as dimensões postuladas pela teoria (apresentadas detalhadamente na seção a seguir), a saber, estratificação (*stratification*), instanciação (*instantiation*), diversificação metafuncional (*metafunctional diversification*), estrutura (*structure*), e sistema (*system*). (Figueredo, 2007/2011; Teich, 1999/2001;; Matthiessen, 2001; Halliday e Matthiessen, 2014)

Figueredo (2011) afirma que o que permite a evolução das abordagens sistêmico-funcionais da tradução dos primeiros estudos, que “buscavam uma teoria da tradução que refletisse a teoria sistêmica perfazendo-lhe uma subárea”, para a visão atual da abordagem sistêmico-funcional da tradução (Matthiessen, 2001; Steiner, 2001; Teich, 1999/2001;), foi abordar a tradução com relação ao contínuo de instanciação (*instantiation cline*), ou seja, da dimensão instancial do potencial linguístico dos sistemas envolvidos no contato linguístico (Matthiessen, 2001; Teich, 1999/2001). Essa abordagem permite que os potenciais de produção de significado sejam examinados de acordo com a relação que estabelecem, e não apenas a relação estabelecida entre as instâncias, além de ser possível fazer uma adaptação dessa relação com os campos de estudo como mostra a Figura 2 a seguir, adaptada de Figueredo (2011):

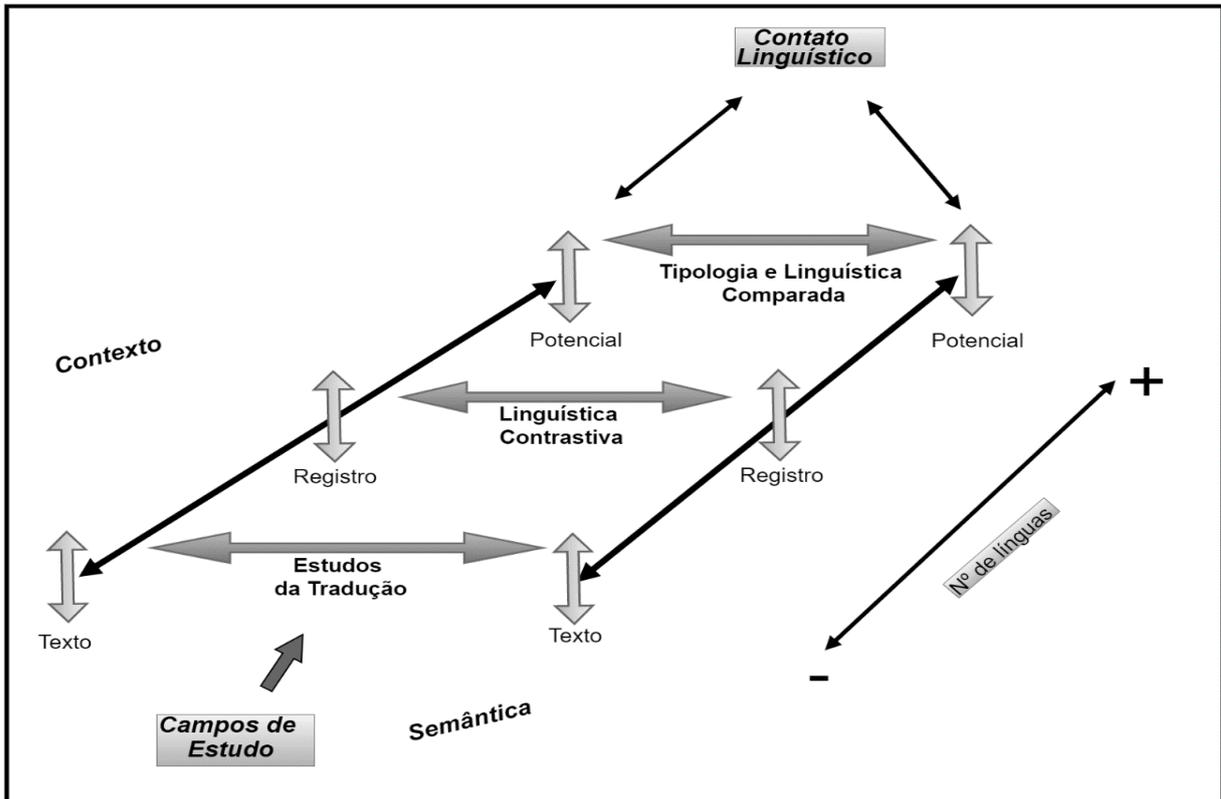


Figura 2- Campos de estudo e contínuo de instanciação

Fonte: adaptado de Figueredo (2011, p.62).

Sob essa abordagem sistêmico-funcional da tradução, Matthiessen (2001) propõe a localização da tradução na arquitetura geral da linguagem (dimensões), estabelecendo o que o autor chama de “ambientes (*environments*)” nos quais é possível se estabelecer uma distinção entre polos “mais amplos” e “mais restritos” na articulação das dimensões da arquitetura geral da linguagem, articulando cada um desses ambientes com a tradução e permite a ancoragem de conceitos de equivalência e correspondência formal da área dos Estudos da Tradução, como será abordado mais detidamente na seção a seguir.

Visando a integrar, em um ambiente mais amplo, e em relação de complementaridade, os campos de estudo que tomam a linguagem e o contato linguístico como fenômeno de investigação (Estudos da Tradução, Linguística Contrastiva, Ensino de línguas, Tipologia, Descrição linguística, etc.), Matthiessen *et al* (2008) propõem uma nova área de investigação, os **estudos multilíngues**. Segundo os autores, algumas áreas, como a tradução e o ensino de línguas, mantinham em certa medida, uma relação mútua em algum momento de seu

desenvolvimento, mas as interações entre as áreas cessaram com o decorrer do tempo, dando lugar a novas práticas. Com esse objetivo em mente os autores propõem em primeiro lugar localizar os campos de estudo nas dimensões semióticas (apresentadas acima), começando por localizá-los na dimensão global de instanciação, como mostra a Figura 3, a seguir.

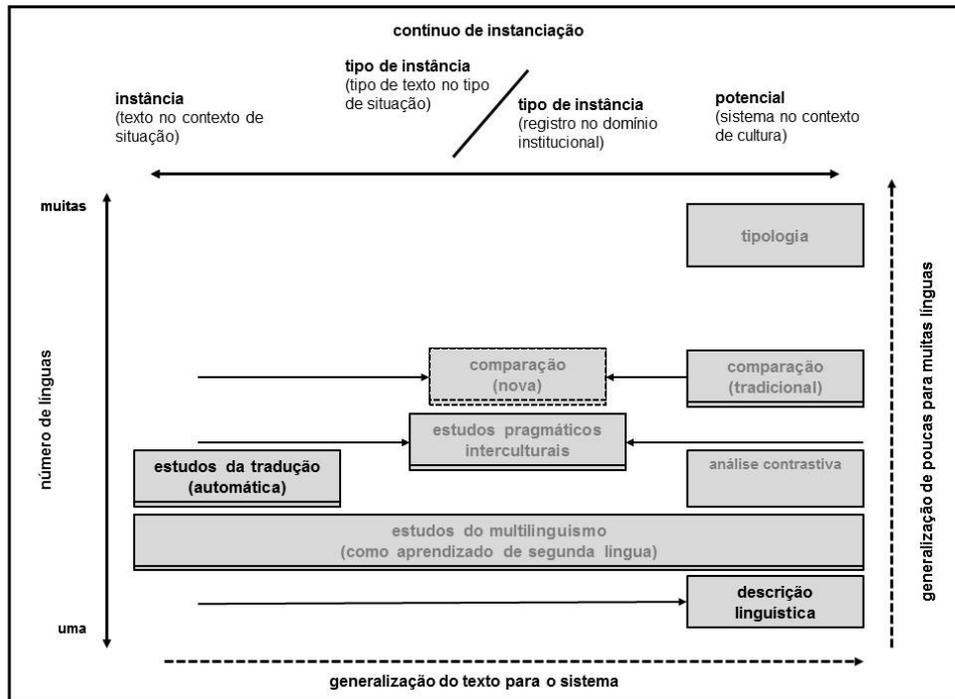


Figura 3-Estudos multilíngues em termos de contínuo de instanciação e número de línguas
 Fonte: adaptado e traduzido de Matthiessen et al (2008, p. 149), grifo meu.

Segundo os autores, o que permite integrar esses campos de estudo, que são comumente colocados em isolamento, em uma relação de complementaridade, é a centralidade ocupada pelo emprego do texto em contexto como fonte de investigação, sendo que pesquisas nas áreas, por exemplo, dos Estudos da Tradução e Tipologia demonstram a importância de estudos baseados em instâncias (MATTHIESSEN, *et al*, 2008. p, 147). Além disso, os autores estabelecem a relação entre os textos em termos da extensão dos *corpora* empregados nas pesquisas e a área da qual parte a abordagem. Abordar o texto levando em consideração o contexto permite análises que partem do polo instancial do contínuo de instanciação e que alcancem o polo do potencial sistêmico do contínuo, dependendo da área de concentração da pesquisa. Isso permite que, no caso da presente pesquisa, através das instâncias extraídas do

corpus, sejam descritos, nos níveis mais delicados, os sistemas que organizam o verbo.

A seção a seguir apresenta dois autores que abordam a tradução do ponto de vista sistêmico-funcional. Em primeiro lugar, serão apresentados conceitos de equivalência, correspondência e mudança pela perspectiva da proposta teórica de Catford (1965), e em seguida, os conceitos são reabordados por Matthiessen (2001) à luz do desenvolvimento subsequente da teoria sistêmico-funcional, que possibilita uma articulação mais abrangente desses conceitos com o modelo linguístico.

2.2 Catford (1965) e Matthiessen (2001)

Segundo Malmkjaer (2005), Catford (1965) apresenta uma das teorias da tradução mais sistemáticas e bem informadas que se baseiam em teorias linguísticas e apresenta os conceitos de **equivalência textual, correspondência formal e mudança**.

De acordo com a perspectiva de Catford (1965), equivalência textual/tradutória pode ser entendida como um fenômeno empírico, observado através da comparação de textos em relação de tradução. Sob esta perspectiva, então, um equivalente será todo texto ou porção de texto em uma dada Língua Fonte (LF) que se observe ser equivalente de um texto ou porção de texto em uma dada Língua Alvo (LA). Os critérios para a determinação da relação de equivalência, segundo o autor, são a verificação com um tradutor ou falante bilíngue competente ou adoção de um critério mais formal, a comutação, na qual o fenômeno é observado à medida em que ao se mudar uma porção de texto na LF uma porção de texto na LA se modifica, sendo a segunda um equivalente textual da primeira. (CATFORD, 1965, p. 30)

A correspondência formal, por sua vez, é proposta quando uma categoria da LF ocupa na economia² dessa o mesmo lugar que um item na LA ocupa em seu próprio ambiente, notando-se que essa correspondência é na maioria das vezes aproximada. (CATFORD, 1965, p. 35)

² Sob a perspectiva da LSF, “economia” se trata do sistema potencial disponível para a construção de significados nas línguas em contato.

As mudanças (*shifts*), de acordo com Catford (1965) são mudanças que acontecem durante a tradução e pode ser de nível ou de categoria. As mudanças de nível acontecem no contínuo entre Léxico e Gramática, quando por exemplo um item gramatical é traduzido por um lexical ou vice-versa. As mudanças de categoria, por sua vez, são as mudanças que podem ocorrer na escala de ordens, mudanças de estrutura e mudanças intra-sistema.

Como apontado na introdução, Matthiessen (2001) se baseia na arquitetura da linguagem pela perspectiva da LSF para mapear os ambientes de contextualização da tradução. Esses ambientes possibilitam a contextualização em polos “mais amplos” ou “mais restritos” em cada um desses ambientes, e permitem a ancoragem de conceitos dos Estudos da Tradução, como equivalência, correspondência e mudanças.

O ambiente de contextualização mais global é o da estratificação (*stratification*) o qual localiza a tradução no contexto (*context*). No contínuo de instanciação a tradução é localizada no potencial, pois apesar de ser um mapeamento observado entre textos instanciados, é um processo que se dá mais próximo desse polo do contínuo. Ao examinar-se as instâncias pode-se estabelecer as diferenças e pontos comuns entre dois textos em relação de tradução, mas ao caminharmos para o polo potencial percebemos que essas diferenças e pontos em comum se estabelecem longo do contínuo, alcançando o sistema geral das línguas em contato. Cada estrato é “organizado internamente por um número de contextualizações”, ou uma escala de ordens (*rank*). No estrato lexicogramatical do português brasileiro, essa escala de ordens é constituída de oração~grupo~palavra~morfema, e a tradução é localizada no ambiente mais amplo, ou seja, o da oração. Em cada ordem, as unidades são organizadas de acordo com uma hierarquia de eixos (*axis*) de duas ordens: sistema (*system*) – ordem paradigmática e estrutura (*structure*)-ordem sintagmática, e a tradução é localizada no sistema. O sistema se organiza pelo princípio de delicadeza (*delicacy*), e a tradução é localizada no polo menos delicado do contínuo. Ao estabelecer esses ambientes de contextualização da tradução, Matthiessen (2001) estabelece um contínuo de congruência (+ congruente, - congruente) entre as línguas (tipologia). É possível estabelecer maior ou menor grau de congruência entre as línguas envolvidas na análise de acordo com seu exame pela perspectiva dos ambientes de contextualização estabelecidos, de forma que: ambientes mais amplos, maior grau de congruência; ambientes mais restritos, menor grau de congruência.

Matthiessen, (2001) revisita os conceitos de equivalência textual, correspondência formal e mudança (*shift*) sob uma perspectiva sistêmico-funcional. Para tanto, ele afirma que a tradução é um mapeamento semântico (transformação) (*semantic mapping (transformation)*) apontando que é necessário focar no que se mantém constante entre os ambientes nos quais a tradução acontece. Note-se que ‘ambientes’ (contextos) são diferentes localizações no esquema global de arquitetura do sistema linguístico, diferente de contexto (estrato)). Neste sentido, Matthiessen (2001) afirma que a tradução é multicontextualizada e que é necessário localizar esses ‘ambientes’. O autor afirma que para tornar a tradução “maximamente eficiente” é necessário torná-la “maximamente contextualizada”. Nesse sentido, o autor afirma que há um princípio tipológico agindo: quanto mais amplo o ‘ambiente’, tanto mais congruentes serão as línguas; quanto mais limitado o “ambiente”, a possibilidade de incongruência entre as línguas aumenta. (MATTHIESSEN, 2001, p. 77)

O modelo de ‘ambientes’ de tradução proposto pelo autor torna possível abordar as noções de equivalência, correspondência e mudança sob a perspectiva sistêmico-funcional do ambiente semiótico, no mapeamento entre dois textos em relação de tradução. Matthiessen (2001) afirma que equivalência e mudança são dois polos de um contínuo de diferença entre as línguas, e que o princípio aplicado é: quanto mais amplo o ‘ambiente’, mais alto o grau de equivalência e quanto mais limitado o ‘ambiente’, mais alto o grau de mudança (*shift*). Segundo esse princípio então, o autor afirma que a equivalência, por se levar em consideração a gradação do contínuo, é estabelecida em maior grau no ‘ambiente’ mais amplo, qual seja o contexto. Logo, o grau o qual duas unidades em línguas diferentes estabelecem equivalências dependerá do número de características que elas compartilhem dentro de suas configurações globais do potencial.

No que tange às mudanças (*shifts*), Matthiessen, (2001) afirma que elas não podem ocorrer entre as dimensões globais de estratificação ou do contínuo de instanciação, ou seja, não é possível uma mudança operar de um estrato para outro ou entre os eixos, ou entre um ponto no contínuo de instanciação em uma LF para outro ponto no contínuo em uma LA, ou seja, essas dimensões permanecem intactas. Ele afirma, porém, que as mudanças podem acontecer entre as ordens (*rank*) e a delicadeza (*delicacy*) e às vezes entre as metafunções (*metafunctions*).

As mudanças de metafunções podem acontecer entre as porções experiencial e lógica da metafunção ideacional, já que as línguas configuram a construção da

experiência de maneiras distintas. Além deste tipo de mudança, é possível ocorrer o que o autor denomina “mudança real de metafunções” (*true metafunctional shifts*), que acontece entre a metafunção interpessoal e o componente lógico da metafunção ideacional.

As mudanças de ordem ocorrem quando não há mudanças de metafunções, mas ocorrem na escala de ordens, ou seja, o trabalho de construção de significados é realizado entre as ordens da escala. (MATTHIESSEN, 2001, p. 105).

Mudanças de sistema ocorrem quando ambas a equivalência entre metafunções e ordens são mantidas, mas a mudança ocorre entre categorias mais ou menos delicadas dos sistemas. A dimensão da mudança depende do nível de delicadeza do item: movendo-se para o polo mais delicado do contínuo, a mudança pode ser de pequena dimensão, no polo lexical da lexicogramática (mudança lexical); movendo-se para o polo menos delicado, mudanças de maior dimensão podem ocorrer, no polo gramatical da lexicogramática (mudança gramatical em sistemas gramaticais primários). As mudanças de estrutura ocorrem quando a equivalência entre metafunções, ordens e sistemas são mantidas, mas a estrutura muda entre os textos.

Uma descrição dos níveis mais delicados do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, sistema que organiza a estrutura lógica do verbo, justifica-se na medida em que possibilita a comparação/contraste entre os sistemas em relação de tradução em termos de localização das unidades nos vários sistemas que operam em todo o ambiente semiótico de produção de linguagem em maior nível de delicadeza, considerando-se o contraste entre as opções instanciadas como passo imprescindível para a consolidação de uma teoria de tradução de base sistêmico-funcional.

A seção a seguir apresenta os fundamentos de descrição de base sistêmico-funcional de orientação tipológica e, de maneira sucinta, a Linguística Sistêmico-Funcional.

2.3 Fundamentos da descrição sistêmico-funcional de orientação tipológica e a Linguística Sistêmico-Funcional

Esta seção tem como objetivo apresentar os fundamentos da descrição sistêmico-funcional de orientação tipológica bem como os fundamentos da Linguística

Sistêmico-funcional, apresentando o desenho do espaço semiótico geral na forma das dimensões da linguagem e sua importância na articulação da descrição do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo.

2.3.1 Fundamentos da descrição sistêmico-funcional de orientação tipológica

A presente pesquisa segue uma orientação tipológica (CAFFAREL, MARTIN e MATTHIESSEN, 2004) a qual entende “tipologia, em um sentido mais amplo, como o estudo geral de semelhanças e contrastes entre línguas”³. De acordo com os autores, a teoria Sistêmico-funcional contribui de várias maneiras com as pesquisas na área de tipologia, especialmente no que tange a descrição linguística. Em primeiro lugar, Caffarel *et al* (2004) indicam que as descrições linguísticas que serviriam de base para as pesquisas tipológicas teriam que ser “amplas e compreensivas, orientadas ao significado e baseadas na investigação do texto em contexto para garantir que a tipologia seja motivada apenas por características particulares da língua sob exame”. Em segundo lugar, as generalizações “precisam ser calcadas em um conceito de língua como potencial de produção de significado, organizado em um espaço semiótico multidimensional” (CAFFAREL *et al* , 2004). Além disso, os autores constatam que como consequência da complexidade da organização multidimensional da linguagem, as pesquisas tipológicas se vêem frente à dificuldade de focar-se na totalidade da língua sob exame, e constata que as pesquisas devem focar em sistemas particulares.

Partindo desses pressupostos, faz-se necessário abordar uma distinção essencial, a distinção entre a teoria geral da linguagem e as descrições linguísticas e a relação estabelecida entre elas. Sobre a distinção estabelecida entre teoria e descrição, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004,p.8) afirmam:

Teoria e descrição são ontologicamente distintas sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional: teoria diz respeito à teoria da linguagem humana (ou mais especificamente, por extensão, dos sistemas semióticos em geral); descrição diz respeito a descrições de línguas em particular (ou,

³ **Minha tradução de:** “Typology is thus to be understood in a broad sense as the general study of similarities and differences across languages”

por extensão, de sistemas semióticos em particular). Ambas são recursos-para a construção da linguagem (teoria) e línguas (descrição).⁴

Nesse sentido, Halliday (2003, p. 201) aponta que “categorias teóricas são, por definição, geral a todas as línguas e estão em constante evolução e modificação conforme o conhecimento sobre as línguas evolui, mas não são passíveis de verificação” e compara com categorias descritivas, que “são específicas de cada língua, e apesar de serem em alguns casos comuns a várias (em alguns casos a todas) essas categorias são estabelecidas dentro do sistema de cada língua em particular, com referência às outras categorias dentro do sistema”.

Desta maneira, teoria e descrição são conjuntos de esquemas interrelacionados em graus diferentes de abstração. De acordo com Halliday (2002, p. 38),

A teoria relevante consiste de um esquema de categorias inter-relacionadas que é estabelecido para explicar os dados, e um conjunto de escalas de abstração as quais relacionam as categorias aos dados e entre si (...) Descrições consistem em relacionar o texto (corpus) às categorias estabelecidas pela teoria. Os métodos utilizados envolvem vários processos de abstração que variam em tipo e grau. É a teoria que determina a relação desses processos de abstração entre si e com a teoria ⁵.

Partindo desses pressupostos, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004,p.11) apontam a relação estabelecida entre teoria e descrição, afirmando que:

A relação estabelecida entre ambas pode ser modelada em termos de abstração: a teoria geral é mais abstrata do que descrições particulares. Mais especificamente, a teoria geral da linguagem estabelece uma relação de realização com as descrições de línguas particulares: uma descrição de língua particular é uma realização da teoria geral.

⁴ **Minha tradução de:** “Theory and description are ontologically quite distinct in systemic functional linguistics: theory is the theory of human language (or indeed, by extension, of semiotic systems in general); descriptions are descriptions of particular languages (or, by extension, of particular semiotic systems). Both theory and description are **resources** – resources for construing language (theory) and languages (descriptions)”

⁵ **Minha tradução de:** “The relevant theory consists of a scheme of interrelated categories which are set up to account for the data, and a set of scales of abstraction which relate the categories to the data and to each other (...)Description consists in relating the text to the categories of the theory. The methods by which this is done involve a number of processes of abstraction, varying in kind and variable in degree. It is the theory that determines the relation of these processes of abstraction to each other and to the theory”

Ainda segundo os autores, “a teoria geral interpreta a linguagem como um sistema semiótico multidimensional (...) que é “projetado” sobre as descrições”⁶. As dimensões teóricas globais e locais serão apresentadas na seção a seguir.

Como aponta Sá (2016,p. 36), é necessário “que sejam estabelecidas as bases teóricas que fundamentam a verificação de categorias no português brasileiro (...)” no caso da descrição do verbo “a teoria sistêmico-funcional apresenta categorias teóricas fundamentais para a descrição, quais sejam: *unidade, estrutura, classe e sistema*”. Halliday (2002, p. 41) chama a atenção para o caráter essencial dessas quatro categorias teóricas para o estudo da linguagem, afirmando que:

São categorias da ordem mais alta de abstração: são estabelecidas e inter-relacionadas, na teoria. Se questionados “por quê essas quatro categorias, e não três, ou cinco? ”, a resposta é: pois a linguagem funciona assim, e essas quatro categorias e nenhuma outra são necessárias para explicar os dados: ou seja, para explicar todos os padrões que emergem de generalizações a partir dos dados.⁷

Em suma, Halliday (2002, p.41) afirma que “essas quatro categorias se relacionam entre si e são derivadas umas das outras, de maneira que não haja relação de precedência e prioridade de uma para com a outra. Assim, são passíveis de definição somente com relação ao todo do sistema”.

De acordo com Halliday (2002), **unidades** são agrupamentos de padrões de regularidades que podem ser realizados gramaticalmente, semanticamente, fonologicamente, etc., e se exibem em trechos de atividade linguística de tamanhos variados. Essas unidades gramaticais formam uma hierarquia, que precisa ser entendida em termos de uma escala que vai de “mais alta” para “mais baixa”, o que determina que a relação estabelecida entre as unidades seja de composição: unidades mais altas nas escalas são compostas por uma ou mais unidades da ordem exatamente inferior na escala. Essa escala recebe o nome de **escala de ordens**.

⁶ **Minha tradução de:** “The general theory interprets language as a **multidimensional semiotic system** (...) The multidimensional theoretical organization is “projected” onto the descriptions of particular languages.”

⁷ **Minha tradução de:** “These are categories of the highest order of abstraction: they are established, and interrelated, in the theory. If one asks: “why these four, and not three, or five, or another four?”, the answer must be: because language is like that – because these four, and no others, are needed to account for the data: that is, to account for all grammatical patterns that emerge by generalization from the data.”

Sobre **estrutura**, Halliday (2002) afirma que “ na gramática, é a categoria que explica a semelhança entre eventos que ocorrem sucessivamente” e que “ é um arranjo de **elementos** ordenados em **lugares**”. Note-se que os autores afirmam que “uma estrutura é composta de **elementos** que são representados numa progressão linear, mas a relação teórica estabelecida entre eles é a de **ordem**.”⁸, ou seja, que a estrutura da unidade de uma dada ordem é composta por membros da ordem imediatamente inferior (uma palavra é composta por morfemas, um grupo composto por palavras, e orações por grupos) o que nos leva a concluir que **estrutura** sempre terá referência direta à **unidade**. Cada **elemento** representa o potencial de operação de um membro de um grupo de membros da unidade da ordem imediatamente inferior⁹. Assim, como afirmam Matthiessen e Halliday (2014), a categoria de estrutura explica o aspecto composicional da linguagem no qual estruturas de uma dada unidade são compostas por membros da unidade imediatamente inferior.

Como vimos, a **estrutura** é o arranjo de elementos ordenados organizado com referência à unidade da ordem imediatamente inferior. A **classe**, por sua vez, é estabelecida com referência à ordem imediatamente superior, sendo o agrupamento de membros com o mesmo potencial de operação na ordem imediatamente superior na escala. Halliday (2002, p. 49) apontam que a classe explica o fato de que não é possível que qualquer membro de uma dada unidade opere em qualquer lugar na estrutura na ordem superior, e define **classe** como “agrupamento de membros de uma dada unidade que é definido de acordo com seu potencial de operação na estrutura da unidade de ordem imediatamente superior”¹⁰

Até agora foram discutidas três das categorias fundamentais da linguagem, **unidade**, **estrutura**, **classe**, e sua relação de mutualidade. Como coloca Halliday (2002, p. 52), respectivamente, “trechos que variam e carregam padrões, a repetição de eventos semelhantes que formam os padrões e o agrupamento de eventos

⁸ **Minha tradução de:** “In grammar the category set up to account for likeness between events in successivity is the **structure**. (...) A structure is thus an arrangement of elements ordered in **places**. (...)A structure is made up of **elements** which are graphically represented as being in linear progression; but the theoretical relation among them is one of **order**.”

⁹ **Minha tradução de:** “Each element represents the potentiality of operation of a member of one **grouping** of members of the unit next below (...)”

¹⁰ **Minha tradução de:** “The class is that grouping of members of a given unit which is defined by operation in the structure of the unit next above.”

semelhantes com base no seu padrão de operação”¹¹. Resta, assim, explicar a ocorrência de escolha de um evento dentre um número limitado de outros itens semelhantes, ou seja, **sistema**. De acordo com Halliday (2002, p. 40), de maneira geral, um **sistema** é “um conjunto que tem um número finito de opções mutuamente excludentes e mutuamente definíveis, de maneira que o significado de todos muda de acordo com a inserção de um novo item no sistema”, permitindo a organização das **classes** na constituição das estruturas, apresentando escolhas em um paradigma.

Como aponta Sá (2016), as categorias teóricas de **unidade, estrutura, classe e sistema**, nos permitem um exame completo do verbo. A categoria de unidade é essencial para a descrição da estrutura lógica do verbo, na medida em que permite explicar como unidades menores (morfemas) operam na unidade da ordem imediatamente superior (palavra). A estrutura, por sua vez, nos permite verificar como as unidades de uma ordem imediatamente inferior se agrupam ao operar na ordem superior, permitindo estabelecer tanto a localização na estrutura como a função encerrada pelos elementos na estrutura, ou seja, no caso da estrutura lógica do verbo, como os morfemas lógico-semânticos se agrupam, antepostamente, e operam modificando o morfema experiencial na composição do verbo. Como descreve Sá (2016), a categoria de classe permitiu verificar a separação de classes de morfemas, de palavras e de grupos, através da função encerrada na ordem imediatamente superior. Assim, permitiu verificar que os morfemas verbais são da classe de “morfemas” pois realizam a Experiência (morfemas experienciais), a Verbalidade (morfemas interpessoais) e a Modificação da experiência (morfemas lógico-semânticos) na estrutura da palavra verbal, e a palavra verbal, por sua vez, é da classe da “palavra” pois opera como Núcleo, Auxiliar, Modal, e Evento na estrutura do grupo verbal. O sistema, por sua vez, permite verificar a organização das classes de morfemas com referência ao potencial de função na palavra (i.e., MODIFICAÇÃO, ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL), das classes de verbo no grupo (i.e., FINITUDE, AGÊNCIA, TIPO DE EXPERIÊNCIA).

Na presente pesquisa, a descrição enfoca os níveis mais delicados do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo no português brasileiro, visando a apresentar uma descrição ampla, examinando as instâncias (texto em contexto), mas

¹¹ **Minha tradução de:** “the varying stretches that carry patterns, the ordered repetition of like events that makes up the patterns and the grouping of like events by their occurrence in patterns.”

caminhando para o polo potencial visando a descrever também os mecanismos que organizam os sistemas. A presente pesquisa visa a contribuir, dentre outras preocupações dentro do ambiente multilíngue, com as pesquisas tipológicas com base sistêmico-funcional, orientando para os Estudos da Tradução, complementando o esforço de trabalhos que, tanto descreveram outros sistemas (ARAÚJO, 2007; FIGUEREDO, 2007; FIGUEREDO, 2011; FIGUEREDO; PAGANO; FERREGUETTI, 2014), quanto esforços que já se concentram na descrição do verbo e do grupo verbal no português brasileiro (SÁ, 2016).

A seção a seguir visa a apresentar a Linguística Sistêmico-Funcional, apresentando as dimensões que compõem a arquitetura geral da linguagem sob a perspectiva teórica da LSF.

2.3.2 A Linguística Sistêmico-Funcional

Com vistas a um entendimento mais abrangente dos sistemas envolvidos na produção de significado é necessário desenhá-los em uma arquitetura que possibilite sua compreensão. A seguir são apresentadas, em maior profundidade, as dimensões da linguagem segundo ao modelo da LSF e a localização do objeto de pesquisa nesse mapa semiótico geral, em específico na matriz função-ordem (*function-rank matrix*), e na matriz estratificação-instanciação (*stratification-instantiation matrix*), bem como os fundamentos básicos de descrição sistêmico-funcional. No Quadro 2 a seguir são apresentadas as dimensões da linguagem e seu princípio de organização, que serão abordadas mais detidamente nas seções que seguem:

A seção a seguir apresenta, mais detidamente, as dimensões da linguagem, seus princípios de organização e como estes são articulados, contribuindo para a descrição do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo no português.

Quadro 2-Dimensões da linguagem e princípios de organização

Dimensão	Princípio de organização	Ordens
Estratificação	Realização	Semântica~lexicogramática~ Fonologia~fonética
Metafunção	Metafunção	Ideacional(lógica~experencial) ~interpessoal~textual
Instanciação	Instanciação	Potencial~subpotencial ou tipo de instância~instância
Sistema (eixo paradigmático)	Delicadeza	Gramática~léxico (lexicogramática)
Estrutura (ordem sintagmática)	Ordem	Oração~grupo ou frase~palavra ~morfema

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen, 2014, p. 32.

2.3.2.1 Estratificação

A primeira dimensão a ser apresentada é a da estratificação, dimensão que corresponde aos estratos que formam o sistema linguístico. Matthiessen (2001), partindo de uma perspectiva científica, separa todos os fenômenos que são de conhecimento humano em uma tipologia organizada hierarquicamente e de complexidade crescente. De acordo com essa perspectiva, Matthiessen (2001, p.49) afirma:

Há quatro ordens de sistemas dentro dessa hierarquia: i) os sistemas de primeira ordem são físicos, e compreendem desde partículas ou cadeias subatômicas até o universo inteiro e são sujeitos às leis da física; ii) os sistemas de segunda ordem são biológicos. Eles são sistemas físicos acrescidos da propriedade “vida”: têm capacidades reprodutivas; iii) sistemas de terceira ordem são sistemas sociais. São sistemas biológicos (e conseqüentemente também físicos) acrescidos da propriedade “valor”, o que significa entre outras coisas que são organizados em grupos com alguma forma de divisão laboral; iv) os sistemas de quarta ordem são semióticos: (sociais (biológicos (físicos))) acrescidos da propriedade “significado”¹²

¹² **Minha tradução de:** “ (i) Systems of the first order are *physical systems*, ranging in size from subatomic particles or strings to the entire universe, but subject throughout to the laws of physics, (ii) Systems of the second order are *biological systems*. They are physical systems with the added property of “life”:they are self-replicating, (hi) Systems of the third order are *social systems*.They are biological systems (and hence also physical systems) withthe added property of value: this means, among other things, that theyare organized as social groups according to some form of division of labour. (iv) Systems of the fourth order are *semiotic systems*. They are socialsystems (and hence also biological and physical) with the added property of *meaning*.”

Segundo Matthiessen (2001, p.49), a linguagem é um sistema semiótico potencial para a produção de significado e como tal precisa ser estratificado em pelo menos dois estratos- conteúdo (*content*), responsável pelo significado e expressão (*expression*), responsável por realizar esse significado em forma de sons ou escrita. De maneira geral, nos sistemas de quarta ordem um conteúdo é sempre expresso da mesma maneira. Por exemplo, segundo Halliday e Matthiessen (1999), durante a infância, num dos estágios de evolução da linguagem na vida de um indivíduo-ontogênese (ontogenesis), desenvolvemos uma protolinguagem. Esse sistema ainda não desenvolveu uma gramática, por isso, a relação de conteúdo e expressão é de um para um.

Em um estágio mais avançado da língua, quando o indivíduo chega à idade adulta, o sistema passa a ser considerado semiótico de quarta ordem superior, pois o estrato do conteúdo e de expressão se dividem em dois: o do conteúdo se expande para semântica e lexicogramática; e o da expressão expande para fonologia e fonética. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 25), essas expansões dos estratos são um reflexo das funções as quais a linguagem exerce entre os seres humanos. Segundo os autores, “ usamos a linguagem para fazer sentido da nossa experiência e encenar as nossas relações interpessoais” e realizando-os em forma de significado. Para que isso se tornasse possível, os autores apontam que o estrato do conteúdo é dividido em semântica e lexicogramática. Construimos as nossas relações interpessoais e fazemos sentido da nossa experiência em forma de significado, através do estrato semântico. Em um segundo momento, esse significado precisa ser realizado em forma de fraseado, o que é realizado pelo estrato da lexicogramática. Segundo Figueredo (2007), no português brasileiro, a escala de ordens da lexicogramática compreende oração~grupo/frase~palavra-morfema.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o mesmo processo acontece no plano da expressão (*expression plane*). A relação entre conteúdo e expressão depende do modo de expressão: Tomando-se o modo fônico, “o estrato fonético faz a interface com o ambiente, no caso os recursos do corpo para a fala e escuta, e o estrato fonológico, a organização do som em estruturas formais e sistemas”. No modo gráfico, a codificação se dá através da grafologia e da grafética, além da linguagem de sinais e outras formas de expressão.

O potencial praticamente infinito de interação entre o estrato lexicogramatical e o semântico, no qual há uma constante tensão (mudanças no estrato lexicogramatical

acarretam mudanças de interpretações no estrato semântico; e mudanças na semântica são realizadas pela lexicogramática) que permite que seja possível criar significados.

Os estratos de conteúdo e expressão realizam o contexto, e estabelecem uma íntima relação de imbricação. Essa relação possibilita que a linguagem crie as próprias variáveis meta-contextuais (FIGUEREDO, 2011). A língua opera em contexto, e é funcionalmente diversificada (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). No contínuo de instanciação, o contexto se estende do potencial à instância. No polo potencial, cultura -ou contexto de cultura- é o potencial de produção de significado no qual operam vários sistemas semióticos, como a linguagem, a dança, a arquitetura, etc.

Movendo-se em direção ao polo instancial do contínuo, é possível localizar os contextos de situação (*context of situation*), que operam formando as instituições, ou seja, conjuntos de situações que compartilham o emprego de um conjunto de recursos selecionados do potencial. As variáveis contextuais criadas pela linguagem e pelas quais ela deve ser compreendida são conhecidas como variáveis meta-contextuais, e compreendem, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 33): “**i**) campo (*field*): o que acontece na situação (organização da realidade e conhecimento); a natureza da atividade (o assunto ou tópico). **ii**) sintonia (*tenor*): quem participa da situação; estabelecimento e manutenção das relações interpessoais em termos do papel ocupado: institucionais, status de poder entre os falantes, etc. **iii**) modo (*mode*) organização dos significados de campo e sintonia em unidades textuais. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 33).

A Figura 4 a seguir mostra a dimensão da estratificação. O princípio que organiza a dimensão da estratificação é a realização, logo, o [contexto é realizado na [semântica [que é realizada na lexicogramática [que é realizada na fonologia [que é realizada na fonética]]]]].

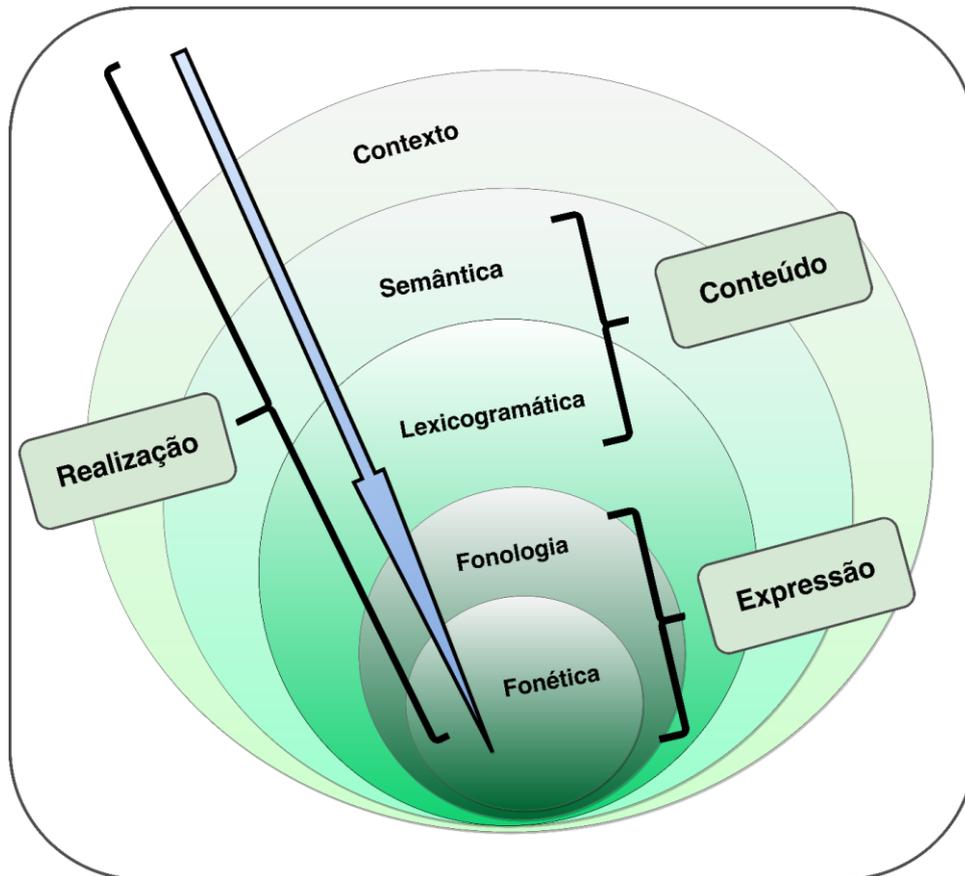


Figura 4-Estratificação

Fonte:traduzida e adaptada de Halliday e Mathiessen (2014)

A organização da linguagem em estratos é de suma importância para os trabalhos de descrição, pois possibilita a localização do objeto de pesquisa (verbo) e sua abordagem partindo de diferentes pontos de abstração da estratificação. “De cima”, descrevendo funções semânticas realizadas na lexicogramática; “de baixo”, padrões fonológicos que realizam a lexicogramática; e “ao redor”, exame partindo do mesmo estrato, a lexicogramática, examinando os sistemas que organizam a estrutura do verbo. A seção a seguir apresenta a dimensão de instanciação.

2.3.2.2 Instanciação

A segunda dimensão a ser apresentada é a instanciação. Sob a perspectiva dessa dimensão, podemos interpretar a linguagem de dois pontos de vista distintos. De um ponto de vista, abordamos a linguagem como sistema potencial para a produção de significado, e do outro, do ponto de vista da instância, abordamos a

linguagem como texto, ou seja, as probabilidades sistêmicas que realmente foram empregadas na produção do significado realizadas no texto. É importante ressaltar que, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p.27), sob a perspectiva da dimensão da instanciação, a língua como potencial e a língua como texto não devem ser vistas como dois objetos distintos. Ao contrário, é possível detectar padrões intermediários entre o sistema potencial e as instâncias, formando um contínuo, o contínuo de instanciação, com o potencial (sistêmico) em um extremo e a instância no outro.

Se tomarmos uma língua em particular (um potencial particular para a produção de significado) sob o ponto de vista da dimensão de instanciação, podemos observar esses padrões intermediários partindo dos dois polos: do polo do sistema esses padrões intermediários são registros; do polo do texto são tipos de texto. Segundo Halliday e Matthiessen (2014), “registros são variáveis funcionais da linguagem, padrões de instanciação do potencial que realizam um tipo específico de contexto (um tipo de situação)”¹³. Os registros são conjuntos restritos de ajustes de probabilidades do potencial, ou seja, “um conjunto particular de probabilidades sistêmicas” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 29). Por outro lado, se observarmos os padrões intermediários partindo do polo da instância, ou seja, os conjuntos de probabilidades que realmente foram instanciadas, temos os tipos de textos. Se tomarmos um texto em específico, e seguir em direção ao sistema, teremos vários textos que compartilham várias características de instanciação desse texto. Essa comparação dos textos instanciados pode ser realizada utilizando critérios de qualquer um dos estratos da linguagem, “desde que sistemáticos e explícitos” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 29).

É importante o entendimento do contínuo de instanciação, pois ele possibilita examinar não só como as funções se organizam gramaticalmente, mas como essas funções são realmente instanciadas, como as probabilidades sistêmicas são realizadas no texto. Através da análise do *corpus*, ou seja, a partir das instâncias, é possível destilar padrões de organização que se estendem por todo o contínuo de instanciação, passando pelo subpotencial (registro/tipo de texto), contrastando como esses padrões funcionais são organizados em cada tipo de texto, e movendo em

¹³ **Minha tradução de:** “A register is a functional variety of language-the patterns of instantiation of the overall system associated with a given type of context (a **situation type**)”

direção ao polo potencial “destilando” como esses padrões se organizam até o potencial total do sistema linguístico.

A delimitação das dimensões da estratificação e da instanciação dentro do espaço semiótico geral permite a localização do objeto da presente pesquisa na matrix estratificação-instanciação. A presente pesquisa se concentra na lexicogramática, na ordem logo abaixo da oração, o grupo, mas devido à necessidade de se considerar ambientes mais amplos, é necessário executar manobras por toda a escala de ordens, a fim de apresentar uma descrição mais abrangente, e num maior grau de delicadeza, do grupo verbal. Veja a Figura 5 a seguir:

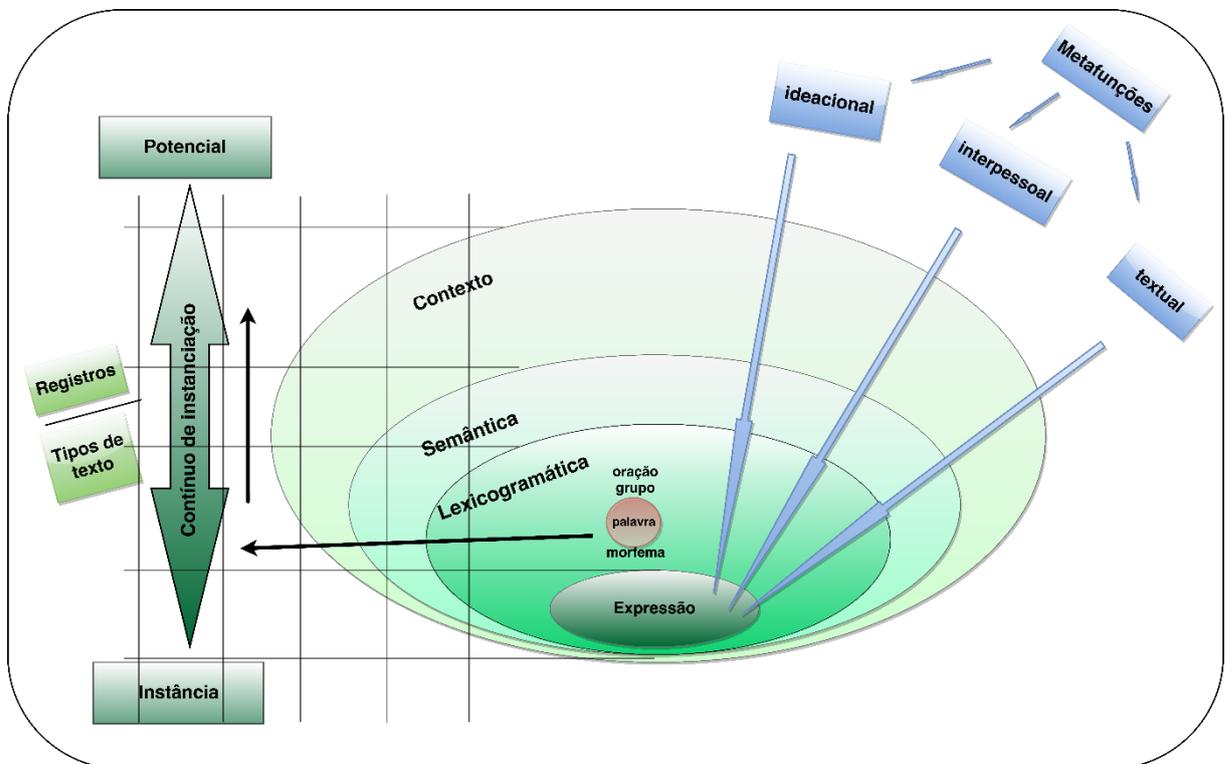


Figura 5- Localização da pesquisa na matrix estratificação-instanciação

Fonte: Traduzido e adaptado de Halliday e Matthiessen (2014)

A seção a seguir apresenta a dimensão de metafunção.

2.3.2.3 Metafunção

A LSF postula que a linguagem é um sistema de potencial semiótico para a construção de significados e, apesar de ser realizado pela lexicogramática, o texto é uma unidade semântica que realiza as variáveis meta-contextuais. Sob essa

perspectiva, segundo Halliday e Matthiessen (2014), esse sistema presta a “funções básicas em relação ao nosso ambiente ecossocial: representação da nossa experiência –**campo (*field*)**, encenação das nossas relações sociais- **sintonia (*tenor*)**, e organização desses significados em forma de texto- **modo (*mode*)**”. As três variáveis do contexto são realizadas pelos espectros semânticos, metafunção ideacional, interpessoal e textual, respectivamente.

A metafunção ideacional (componente experiencial), como o nome diz, é responsável por veicular os significados experienciais do falante, carregando os significados de ‘conteúdo’ dos fenômenos da experiência do falante em seu ambiente ecossocial, bem como sua experiência dentro da própria consciência. Além disso, o outro componente da metafunção, o componente lógico, é responsável por organizar esses significados em um fluxo de experiências, em relação de subordinação, coordenação, elaboração, expansão, projeção, etc. A metafunção ideacional é responsável por construir os significados experienciais e organizá-los logicamente. O principal sistema gramatical que realiza essa metafunção é o sistema de TRANSITIVIDADE. Sob a perspectiva da ordem da oração, sistema de TRANSITIVIDADE, metafunção ideacional, as palavras verbais realizam a função de Processo. Na ordem do grupo, palavras verbais realizam a função de Evento.

Além de construir as experiências de mundo e organizá-las em relações lógicas, os falantes precisam, para se estabelecerem como indivíduos dentro do seu grupo social, estabelecer, encenar continuamente suas relações, através da encenação de relações de hierarquia e poder, encenando assim perguntas, pedidos, informações, persuasão, etc. A metafunção responsável por isso é a interpessoal. O principal sistema que realiza essa metafunção é o sistema de MODO. Sob a perspectiva dessa metafunção, as palavras verbais realizam a função de Finito e Predicador na ordem da oração e Núcleo e Modal na ordem do grupo.

Por último, a língua, além de construir as experiências dos fenômenos do mundo real e da consciência, organizando-os de maneira lógica, e construir os significados interpessoais, a língua precisa de uma metafunção que organize esses significados ideacionais e interpessoais em forma de texto. A metafunção textual, realiza esse trabalho organizando os elementos ideacionais e interpessoais em unidades de informação (DADO e NOVO) e colocando em destaque elementos que têm mais importância na elocução (TEMA e REMA). O sistema que realiza essa metafunção é o sistema de TEMA. A seguir, é apresentada a dimensão de estrutura.

2.3.2.4 Estrutura (Ordem sintagmática)

A dimensão da estrutura compreende o aspecto composicional da linguagem, sendo assim organizada, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p.21), pelo “princípio da **ordem**: algumas camadas composicionais organizadas pelo princípio de **partes de**”.

Essa dimensão é composta por diferentes hierarquias composicionais, divididas em domínios específicos dentro da arquitetura, a saber: no som, na escrita, no verso e na gramática e é guiada pelo princípio do **esgotamento**, ou seja, unidades de uma dada ordem superior são formadas por um conjunto finito de unidades de uma ordem imediatamente inferior. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 21). Ao tomarmos um dos domínios, por exemplo o da gramática, a hierarquia no português, inglês e outras línguas é constituída de oração~grupo/frase~palavra~morfema, sendo que uma oração é composta de um conjunto de grupos, os grupos de um conjunto de palavras e assim por diante. Por essa razão, a estrutura é responsável por estabelecer a ordem sintagmática.

O conhecimento dessa dimensão, em especial da escala de ordens da lexicogramática, permite manobras entre as ordens de maneira a extrair os padrões de organização dos sistemas que operam para a realização dos significados, pois é pressuposto o conhecimento de que a LSF prioriza a organização paradigmática e postula que a estrutura é uma consequência de uma rede de escolhas sistêmicas. Nesse sentido, é possível realizar manobras para extrair padrões de organização da estrutura lógica do verbo, como será apresentado nos resultados na presente pesquisa.

A articulação das duas dimensões, a de metafunção e a de estrutura (ordem sintagmática), permite que se localize, como podemos verificar no Quadro 1, que foi apresentado na introdução do trabalho. Retomando, o objeto de estudo da presente pesquisa é localizado na ordem da palavra, e o exame é feito sob a perspectiva da metafunção ideacional, componente lógico, sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA. A seção a seguir apresenta a dimensão de sistema.

2.3.2.5 Sistema (Eixo paradigmático)

Ao contrário da ordem sintagmática (estrutura), na qual unidades de uma ordem inferior se concatenam para formar a ordem imediatamente superior, no eixo paradigmático (sistema) temos conjuntos de opções em oposição, ou seja, a realização de uma opção em contraponto a opções que poderiam ser selecionadas, mas são descartadas. Um **sistema** é “um conjunto de opções com uma condição e entrada, que é satisfeita necessariamente se uma das opções em relação de agnação for selecionada” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 22).

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), diferentemente da dimensão da estrutura que se baseia em um tipo de relacionamento de ‘partes de’, o sistema é baseado num relacionamento de ‘tipos de’. Halliday e Matthiessen (2014) exemplificam com o sistema de polaridade: uma oração seleciona obrigatoriamente a polaridade positiva ou negativa, logo, uma oração negativa é um ‘tipo de oração’. Além disso, tomam mais um passo adiante, selecionando entre tipos de negativa, dando assim mais um contraste paradigmático, o segundo sendo mais refinado que o primeiro, ou como os autores apontam, um passo da delicadeza. O segundo sistema seria mais delicado que o primeiro, e uma oração que seleciona desses dois sistemas seria ‘um tipo de um tipo de’ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 23).

Cabe apontar que opções menos delicadas nos sistemas tendem a ser mais genéricas, e à medida que caminhamos em delicadeza nos sistemas, ou seja, repetindo o procedimento de escolhas paradigmáticas, as escolhas vão se especializando, se tornando cada vez mais diferentes entre si, até o polo mais delicado, a realização lexical. Isso confere o status de contínuo à gramática: um contínuo que vai da gramática, escolhas menos delicadas (polo gramatical) ao léxico, escolhas mais delicadas (polo lexical).

Um princípio importante que possibilita evidenciar e testar padrões é a **agnação** (FIGUEREDO, 2011), que diz respeito à relação de oposição no eixo paradigmático entre elementos que têm uma mesma condição de entrada num dado sistema. Matthiessen, (2001, p. 80-82) aponta que:

A agnação é definida sistemicamente com referência à organização ao eixo paradigmático, em uma das unidades da escala de ordens, em um dos estratos, em um ponto do contínuo de instanciação (...) qualquer expressão estabelece infinitas relações de agnação, definidas através de ordens de

vários ambientes semióticos e nesse sentido é multidimensional (...) a agnação é representada através da rede de sistemas ¹⁴

Portanto, a língua se configura como um potencial sistêmico para a produção de significado, ou seja, essas escolhas sistêmicas são realizadas para todo significado instanciado em forma de texto e a estrutura (eixo sintagmático) se configura como consequência das escolhas nos sistemas (eixo paradigmático), sendo que “cada escolha contribui para a formação da estrutura”. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 24).

A seção a seguir apresenta como a descrição linguística de base sistêmico-funcional pode oferecer ferramentas com potencial de aplicação a uma série de estudos do ponto de vista dos Estudos Linguísticos de maneira geral e do ponto de vista dos Estudos da Tradução de maneira particular.

2.4 Descrição linguística e os Estudos da Tradução

Figueredo (2011) aponta, como apresenta Halliday (2002, 2003), para a potencial de aplicação de descrições linguísticas, e afirma que “no âmbito da linguística sistêmico-funcional, os trabalhos e descrição linguística calcados na teoria geral de descrição são capazes de oferecer recursos para a produção de ferramentas aplicáveis a uma série de estudos”, os quais são agrupados, de maneira geral em:

i) Estudos descritivos: essa linha de estudos se baseia em categorias teóricas advindas de um aparato teórico sobre a produção semiótica e calcadas em uma metodologia de descrição exploram “áreas dos sistemas linguísticos ainda não compreendidas de modo exaustivo”. (FIGUEREDO, 2011, p. 43). Os estudos descritivos lançam mão das categorias teóricas, no caso desta pesquisa, da Linguística Sistêmico-Funcional, contudo, reformula essas categorias de acordo com motivações internas da língua sob descrição. A descrição é realizada de acordo com

¹⁴ **Minha tradução de:** Agnation is always defined systemically by reference to organization along the systemic or paradigmatic axis within the unit at some rank (along the hierarchy of rank) within some stratum (along the hierarchy of stratification) at some degree of instantiation (...)any given expression always enters into an infinite set of relationships of agnation — relationships that are defined throughout the ordered series of environments (...) in this sense, agnation is always multidimensional (...)Agnation is represented by means of the system network.

as funções realizadas pela categoria na produção de significados particulares aos sistemas sob descrição. Dentro do português brasileiro, podemos dar como exemplo as descrições calcadas na LSF (ARAÚJO, 2007; FIGUEREDO, 2007; FIGUEREDO, 2011; FIGUEREDO; PAGANO; FERREGUETTI, 2014; SÁ, 2016)

ii) Estudos aplicados: essa linha de estudo consome o conhecimento produto da “expertise dos pesquisadores” (FIGUEREDO, 2011) em diferentes áreas, entre elas a linguística computacional (processadores e corretores de textos, tradução automática, etc), contexto educacional (desenvolvimento de materiais didáticos e métodos de ensino), dentre outras.

iii) Estudos teóricos: de acordo com Figueredo (2011), essa linha de estudos poderia ser, em partes, agrupada tanto com os estudos descritivos quanto com os aplicados, já que estabelecem relações diretas com ambos, ora com as implementações descritivas, ora ao estabelecer relações diretas com o consumidor. O que distingue os estudos teóricos, segundo Figueredo (2011), é o fato de as implementações voltarem-se para o ambiente teórico com vistas a elucidar novos fenômenos, ou reformular áreas já apreciadas, aumentando assim o escopo da teoria auxiliando em sua expansão.

Segundo Figueredo (2011), os Estudos da Tradução de base sistêmico-funcional podem ser vinculados aos três campos de estudo.

No âmbito dos:

i) Estudos descritivos: entendendo a tradução dentro do âmbito da produção multilíngue sob uma perspectiva tipológica, como um subpotencial particular de produção de significado.

O conceito “multilíngue” entendido, como apontado por Figueredo (2011), sob duas perspectivas: partindo-se do polo instancial do CONTÍNUO DE INSTANCIÇÃO, em termos de contato linguístico entre duas instâncias particulares geradas através da instanciação de sistemas potenciais diferentes, mantendo a relação de equivalentes. Sob outra perspectiva, multilíngue não diz respeito só ao exame das instâncias geradas pelos sistemas potenciais, mas a tomar um caminho em direção ao potencial de produção de significado. Isto possibilita não só a comparação entre as instâncias, mas permite comparar todo o potencial de produção semiótica de ambos os sistemas, tendo como objetivos uma tipologia de sistemas linguísticos e o exame da produção de significado a partir de subpotenciais realizados apenas através do contato interlinguístico como é o caso da tradução. (FIGUEREDO, 2011, p. 47)

ii) Estudos aplicados: no âmbito da aplicação, os trabalhos descritivos podem oferecer subsídios para o treinamento de tradutores, construção de ferramentas de tradução automática, “em forma de ferramentas semióticas, que possibilitem uma maior compreensão do texto como unidade de significado, bem como o potencial de escolhas gramaticais disponível para cada unidade de tradução” o que pode aumentar o potencial dos profissionais de tradução. (FIGUEREDO, 2011, p. 47)

iii) Estudos teóricos: entender a tradução como um objeto de estudo em si, possibilitando a criação de uma teoria de tradução, mas que conserve a base sistêmico-funcional, e que possa ser relacionada com outras áreas dos estudos multilíngues, o que acontece na tradução, entendida sob a perspectiva dos Estudos da Tradução de base sistêmico-funcional como um subpotencial particular de produção de significado decorrente do contato linguístico.

A presente pesquisa visa a contribuir com os estudos sistêmico-funcionais da tradução nos três campos de estudo: i) nos estudos descritivos, contribuir para o crescente corpo de trabalhos que contribuem para a descrição sistêmico-funcional, de orientação tipológica, orientada para os Estudos da Tradução, dos sistemas do português brasileiro, descrevendo os níveis mais delicados do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo; ii) nos estudos aplicados, contribuir na construção de ferramentas semióticas com potencial de aplicação na construção de ferramentas que possam auxiliar a tradutores; iii) nos estudos teóricos, contribuir para a consolidação de uma teoria de tradução que conserve sua base sistêmica, contribuindo para a expansão da teoria sistêmico-funcional de produção de significado, em particular da tradução como subpotencial de produção semiótica.

A seção a seguir tem o objetivo de apresentar uma descrição sistêmico-funcional do verbo de acordo com Sá, (2016), abordando-o sob uma visão trinocular. Em seguida, tece considerações sobre estruturas lógicas de maneira geral, direcionando essas considerações para a estrutura lógica do verbo no português brasileiro. Por fim, são tecidas considerações sobre a perspectiva filogenética com relação às estruturas de modificação nos verbos em português. Sob essa perspectiva, discute-se a complementaridade estabelecida entre as visões que são conhecidas de maneira geral como “sincrônicas” ou “diacrônicas” sob a visão da Linguística Sistêmico-funcional.

2.5 O verbo no português brasileiro segundo uma abordagem sistêmico-funcional

De acordo com Sá (2016), o verbo é uma classe de palavra (classe secundária da unidade da palavra) que pode ser abordado sob uma perspectiva trinocular: 'de baixo' o verbo é composto por morfemas experienciais (ME), morfemas interpessoais (MI) e morfemas lógico-semânticos (MLS); 'ao redor' a estrutura do verbo é organizada pelo tipo de experiência, orientação interpessoal, e modificação da experiência; 'de cima', os verbos se agrupam formando classes terciárias de verbos: os verbos auxiliares, verbos lexicais, verbos modais, que realizam as respectivas funções de Auxiliar, Evento, Modal e Núcleo.

Sob a perspectiva 'de baixo', a estrutura do verbo no português brasileiro é composta por diferentes morfemas que realizam funções distintas na ordem imediatamente superior (palavra verbal: classe secundária de palavras verbais: verbo), a saber os morfemas experienciais (ME), morfemas interpessoais (MI), e morfemas lógico-semânticos (MLS). Segundo Sá (2016), os morfemas experienciais (ME) realizam a experiência no verbo se organizando de acordo com as experiências (i) do mundo físico (fazer), (ii) do mundo da consciência (sentir), ou (iii) do mundo das relações abstratas (ser). Os MEs ocupam, obrigatoriamente, a posição central da estrutura. Os morfemas interpessoais (MI), por sua vez, realizam a orientação interpessoal do verbo, modificando os MEs, ancorando-os no tempo relativo ao aqui-agora da interação. Os MIs orientam o verbo interpessoalmente realizando a transitoriedade e são organizados de acordo com o tipo de orientação (temporal), tipo de pessoa e padrão de morfologia. Os morfemas lógico-semânticos (MLS) pré-modificam a experiência de maneira iterativa estabelecendo relações lógico-semântica. A estrutura mínima para a realização da experiência transitória é composta por um ME realizando a experiência, e um MI ancorando a experiência com relação ao aqui e agora da interação, sendo que a modificação por MLS pode ou não ocorrer. Assim, MEs e MLSs orientam o verbo ideacionalmente, e os MIs orientam o verbo interpessoalmente.

Sob a perspectiva 'ao redor', Sá (2016) aponta que a estrutura do verbo no português brasileiro é organizada por três sistemas: TIPOS DE EXPERIÊNCIA, MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA e ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL. O sistema de TIPOS DE EXPERIÊNCIA gera opções delicadas de Ser, Fazer e Sentir. O segundo sistema, o

sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, organiza a estrutura de modificação da experiência estabelecendo uma relação lógico-semântica iterativa, ou seja, permitindo selecionar vários MLSs recursivamente, como verificamos no verbo em negrito na oração do Exemplo 1 e na possibilidade de selecionar mais MLSs para realizar modificação:

Exemplo 1: “ela pode **substituir** em algumas refeições em alguns dias”

O verbo ‘**sub-stituir**’ poderia ainda ser modificado iterativamente por outros MLSs, ‘**re-sub-stituir**’, por exemplo.

Além da modificação por MLS, Sá (2016) aponta ainda a modificação estabelecida na relação de mais de um ME, formando complexos de MEs que têm uma única função no verbo, como verificamos no verbo em negrito na oração do

Exemplo 2:

Exemplo 2: “**Solicitamos** a prévia e necessária autorização para transferir (...) em cessão de uso, os equipamentos abaixo relacionados”

Como podemos ver no **Exemplo 2** acima, o verbo ‘solicita-mos’ tem em sua estrutura lógica dois MEs com uma única função, a experiência, realizando a orientação ideacional do verbo. Note-se que por tratar de dois MEs em relação lógico-semântica, cada um poderia realizar sozinho uma experiência no português brasileiro, ‘solar’ e ‘citar’, respectivamente.

O terceiro sistema que organiza a estrutura do verbo no português brasileiro é o sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL, que organiza os significados de maneira a habilitar a inserção das proposições/propostas no movimento de troca, selecionando pessoa (diretamente relacionado com o sistema de SUJEITABILIDADE na ordem da oração), tempo primário, etc

“De cima”, Sá (2016) examina o verbo de acordo com as funções que ele realiza no grupo e descreve três classes de verbos, auxiliares, modais e lexicais, que operam no grupo verbal respectivamente como Auxiliar, Modal e Evento, além da função de Núcleo que pode ser operada por qualquer uma das três classes.

Sob a perspectiva da dimensão de estrutura, a presente dissertação visa a contribuir na descrição do verbo no português brasileiro partindo da estrutura lógica, visando à descrição dos níveis mais delicados do sistema de MODIFICAÇÃO DA

EXPERIÊNCIA que organizam essa estrutura. Os esforços de Sá (2016), contemplam, na ordem da palavra, apenas o primeiro nível de delicadeza do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA. Assim, a presente dissertação visa a promover uma descrição em maior grau de delicadeza do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo, analisando as relações estabelecidas entre os morfemas lógico-semânticos (MLS), que operam na modificação da experiência, verificando o tipo de relação lógico-semântica e de taxa estabelecida entre elementos dessa classe de morfema e entre esses e os morfemas experienciais (ME) na organização da estrutura lógica da palavra verbal: verbo.

Após essa apresentação do verbo, como já descrito até então, a seção seguinte tem por objetivo apresentar considerações sobre estruturas lógicas.

2.6 Estruturas lógicas

Como mencionado na subseção anterior, Sá (2016) descreve o verbo sob uma perspectiva trinocular. 'De baixo', a estrutura do verbo é composta por morfemas experiências e morfemas lógico-semânticos, responsáveis por realizar a orientação ideacional do verbo e morfemas interpessoais, responsáveis por realizar a orientação interpessoal do verbo. 'Ao redor' o verbo é organizado pelos sistemas de TIPOS DE EXPERIÊNCIA, MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA e ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL.

O sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, é responsável por organizar a modificação da experiência no verbo em opções de relações lógico-semânticas de expansão e de taxa selecionadas interativamente. Como aponta Sá (2016), essa estrutura é organizada logicamente. Partindo desse princípio, é necessário tecer algumas considerações sobre estruturas lógicas de uma maneira geral, com vistas a descrever em maior delicadeza o sistema que a organiza e como se organiza a estrutura lógica no verbo em português brasileiro.

Como apresentado no capítulo de fundamentação teórica desta dissertação, a metafunção ideacional é composta por dois componentes, o experiencial e o lógico. A metafunção ideacional é, portanto, responsável por construir os significados experienciais e organizá-los logicamente. O modo de organização do componente lógico da metafunção ideacional tem características particulares, que serão pontuadas detidamente nos parágrafos que seguem.

Em primeiro lugar, estruturas lógicas são estritamente de variação única (univariadas). Sobre estruturas de variação única, Matthiessen, Teruya e Lam (2010), apontam que é:

Um tipo de estrutura característica do modo lógico da metafunção ideacional, em contraste com estruturas de variação múltipla. Neste tipo de estrutura, cada função estabelece o mesmo tipo de relação com as outras funções na estrutura. Assim, ao desenvolver uma estrutura de variação única, cada elemento se relaciona com o precedente simplesmente como o 'próximo' elo de uma série ou corrente: *Tom* [Próximo] *Dick* [Próximo:] *Harry* [Próximo:] *Sue* [Próximo:] e *Helen*.¹⁵

As estruturas de variação única podem “ser de dois tipos: **hipotática** ou **paratática** e podem ocorrer em estruturas de complexos ao longo de toda a escala de ordens, complexo de orações, em grupos (complexo de palavras) em palavras (complexo de morfemas), até mesmo quando um pé é interpretado como complexo silábico” (MATTHIESSEN, TERUYA e LAM, 2010, p. 236)

Sobre relações de interdependência de base hipotática ou paratática estabelecidas em estruturas lógicas, Halliday e Matthiessen (2014) apontam que os sistemas que organizam esses significados são o sistema de TAXE e de TIPOS DE RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS. Elementos que estabelecem uma relação de taxe e lógico-semântica podem estar em relação de igualdade de status, parataxe, na qual qualquer um dos elementos pode funcionar sozinho, ou de dependência entre elementos e um núcleo, hipotaxe, na qual um elemento recebe o status de dominante e os outros de dependentes. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 451) “as estruturas em relação de taxe são univariadas, diferenciando de estruturas multivariadas e o princípio que rege é que diferentes modos de significados metafuncionais tendem a ser realizados por estruturas diferentes”¹⁶. Ainda sobre as estruturas de variação única e de variação múltipla, Halliday e Matthiessen (2014, p. 251) afirmam que “ a análise do componente lógico permite verificar como a construção da estrutura lógica se difere da construção característica de outros modos

¹⁵ **Minha tradução de:** Type of structure characteristic of the logical mode of the ideational metafunction, contrasting with **multivariate** structure. In a univariate structure, each function stands in the same relation to the other functions in the structure. Thus, as we develop a univariate structure, each new element is related to the previous simply as the 'next' link in a series or chain: *Tom* [Next:] *Dick* [Next:] *Harry* [Next:] *Sue* [Next:] and *Helen*.

¹⁶ **Minha tradução de:** they are the kind of structure that we have called **univariate**, to distinguish it from the **multivariate** structures... This principle is that the different metafunctional modes of meaning tend to be realized by different structural modes.

de significado metafuncional, já que, “sob essa perspectiva, as estruturas de variação única (univariadas) são formadas por um conjunto limitado de relações lógico-semânticas de expansão e projeção”.

Partindo desses princípios que regem a organização dos significados sob a perspectiva do componente lógico da metafunção ideacional, concluímos que para que sejam consideradas estruturas lógicas, é necessário que as estruturas se enquadrem em todas esses padrões funcionais, ou melhor, são esses padrões que determinam o que é uma estrutura lógica de maneira geral. A saber, estruturas lógicas são inerentemente recursivas, selecionando funções que estabeleçam a mesma relação em cadeia iterativamente, sendo assim estritamente de variação única (univariadas); particulares do componente lógico da metafunção ideacional; estabelecem relações lógico-semânticas de projeção e expansão e de taxex e parataxex e hipotaxex; formam complexos ao longo de toda a escala de ordens.

A presente dissertação visa a descrever em níveis mais delicados o sistema que organiza a modificação da experiência no verbo em português brasileiro. Como aponta Sá (2016), ao redor, o sistema que organiza esses significados é o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, realizado pelos morfemas lógico-semânticos que estabelecem uma estrutura lógica, modificando os morfemas experienciais, como será apresentado no capítulo de resultados.

Na seção seguinte, será abordada a perspectiva semogenética (especificamente filogenética) da LSF, mostrando a complementaridade das visões conhecidas comumente como sincrônica e diacrônica e a perspectiva da teoria sobre esses aspectos.

2.6.1 Sincronia/ diacronia e a perspectiva semogenética da LSF

Questionado sobre a dicotomia entre ‘diacronia’ e ‘sincronia’ estabelecida sob perspectiva de linguistas de maneira geral, Halliday (cf. MARTIN, 2013, p. 19) aponta para o fator de complementaridade estabelecido entre as duas visões. Segundo o autor,

Em qualquer sistema é possível examinar sua estrutura interna ou os processos evolutivos que desenvolveram essas estruturas. Eu pessoalmente sigo a perspectiva que coloca essas duas visões em posição de

complementaridade, no sentido de que uma pode ajudar a iluminar questões referentes à outra.¹⁷

Contudo, ressalta-se que os termos ‘sincrônico’ e ‘diacrônico’ não são termos empregados sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-funcional. Esses fenômenos são abordados, sob a perspectiva de LSF, ancorados no conceito de semogênese (*semogenesis*).

Segundo Halliday e Matthiessen (1999, p. 17) a semogênese é um conceito teórico que se refere à realização de significados abordados em escalas temporais distintas e interrelacionadas. Um dos tipos de semogênese é a filogênese (*phylogenesis*), que se refere à realização de significados linha temporal da evolução da espécie humana, ou seja, a evolução da linguagem humana de maneira geral, e sua realização em línguas em particular. Em segundo lugar, temos a ontogênese (*ontogenesis*), ou o desenvolvimento do sistema linguístico na escala temporal particular do indivíduo. Segundo os autores, “o histórico particular do indivíduo pode, como acontece com o indivíduo do ponto de vista biológico, recapitular alguns aspectos da evolução, mas o modo de gênese neste caso é o de crescimento” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999, p. 17). Em terceiro lugar, a logogênese (*logogenesis*), que se refere à realização dos significados em sua distribuição ao longo da escala temporal do texto. Seu modo de gênese é a instanciação do potencial no texto.

Partindo desses pressupostos teóricos, é possível acomodar os conceitos de sincronia e diacronia na perspectiva da Linguística Sistêmico-funcional, particularmente sob a perspectiva temporal da semogênese: filogênese. Dentre outras questões, é possível abordar como, sob a perspectiva de evolução dos sistemas linguísticos, as estruturas são formadas: sob uma perspectiva diacrônica, ou seja, de maneira difusa na linha temporal da evolução dos sistemas, ou sob uma perspectiva sincrônica, ou seja, abordando os fenômenos em um ponto específico da linha temporal evolutiva.

É possível se remeter novamente aos pontos apontados por Halliday sobre a dicotomia sincronia/diacronia. Como mencionado, Halliday (cf. MARTIN, 2013, p. 19)

¹⁷ **Minha tradução de:** For any system one may look either at its internal structure or at the processes by which it evolved and reached that structure. But I personally am very much in sympathy with the trend which puts these two perspectives closely together, in the sense that either can be used to illuminate the other.

aponta que é possível abordar um fenômeno sincrônica ou diacronicamente, ou seja, sob uma perspectiva filogenética pela perspectiva da LSF, estabelecendo uma complementaridade entre as duas visões. Por um lado, é possível abordar a estrutura num ponto temporal filogenético específico, tomando-a como fenômeno estático (perspectiva sincrônica). Por outro lado, é possível abordar o fenômeno de maneira difusa dentro da linha temporal, abordando os processos evolutivos que desencadearam a realização do significado no ponto de análise (perspectiva diacrônica).

Na presente pesquisa, esses aspectos filogenéticos iluminam a descrição da estrutura lógica do verbo no português brasileiro, na medida em que a descrição da estrutura lógica enfoca o momento atual da evolução (sincronia), mas considera fatores do passado da evolução dos sistemas (diacronia). Como será apresentado no capítulo de resultados, serão examinados morfemas que constituem a estrutura lógica do verbo que, sob uma perspectiva filogenética do momento atual de evolução do sistema (sincronia) não são mais produtivos na realização de significado, mas foram produtivos sob uma perspectiva temporal difusa, ou seja, diacrônica de evolução dos sistemas. Parte-se do pressuposto que mesmo que muitos morfemas não sejam mais produtivos sob uma perspectiva atual, uma abordagem filogenética com enfoque no passado da evolução dos sistemas pode enriquecer a abordagem filogenética com enfoque no presente, enriquecendo a análise.

Tendo lançado os conceitos teóricos que embasam a presente pesquisa, passa-se para o capítulo que apresenta as bases metodológicas empregadas.

3 METODOLOGIA

3.1 Corpus de pesquisa

Para o desenvolvimento da presente descrição, foram examinados dados extraídos do corpus CALIBRA (Catálogo da Língua Brasileira). O CALIBRA é um corpus monolíngue em português brasileiro desenvolvido pelo Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da UFMG no âmbito do grupo de pesquisa “Modelagem sistêmico-funcional da tradução e da produção textual multilíngue”.

O corpus de pesquisa foi compilado seguindo-se uma orientação sistêmico-funcional, tendo, portanto, como base a relação entre língua e contexto (cf. HALLIDAY, 1978), e é organizado de acordo com as variáveis de papel (ancilar ou constitutivo), grau de especialização (especializada/não-especializada), modo de veiculação (escrito/falado), tipo de interação (dialógica/monológica) e tipo de processo sócio-semiótico. A primeira variável faz referência ao papel ocupado pela linguagem na interação, se por um lado ocupa papel auxiliar- “a língua em ação”, ou se por outro, ocupa papel constitutivo, ou seja, se a situação se realiza dentro do próprio ambiente semiótico- “língua como reflexão”. A segunda variável aponta para o grau de especialização realizado pela situação, se especializado ou não-especializado. A terceira variável se refere ao modo de veiculação da linguagem, apresentando os modos escrito e falado de veiculação. A quarta variável diz respeito ao tipo de interação entre falantes, se monológica ou dialógica. E por fim, a quinta variável se refere aos processos sócio-semióticos, configurações sistêmicas particulares, dividindo-se: explicar, relatar, recriar, compartilhar, fazer, recomendar, capacitar e explorar.

O corpus de pesquisa, CALIBRA, possui aproximadamente um milhão de *tokens* e se divide em subcorpora segundo os oito tipos de processos sócio-semióticos. Cada subcorpus conta com aproximadamente 125 mil *tokens*, divididos em quatro grupos de aproximadamente 31.250 palavras para cada uma das seguintes modalidades: falado-diálogo, falado-monólogo, escrito-diálogo e escrito-monólogo (Figueredo e Pagano, 2012).

A seguir será apresentado o Quadro 3 com a disposição das variáveis que permitem a separação da tipologia textual, de acordo com a linguagem em seu contexto de cultura, como apresentado por Figueredo (2011, p. 91).

Quadro 3-Linguagem no contexto de cultura

		Veiculação	Escrito		Falado	
		Interação	Diálogo	Monólogo		Diálogo
Grau de especialização	Papel	Processos sócio-semióticos				
Especializada	Reflexão (constitutivo)	explicar	Carta pessoal	Livro texto	Palestra	Debate
Não-especializada		reportar	Questionário	Reportagem	Depoimento	Entrevista
		recriar	Tira em quadrinhos	Romance	Causo	Peça teatral
		compartilhar	E-mail pessoal	Blog (diário)	Lembranças	Bate-papo
	Ação (ancilar)	fazer	Carta comercial	Lista de compras	Instruções	Cooperação
Especializada	Reflexão (constitutivo)	recomendar	Autoajuda	Anúncios	Orações	Consulta médica
		capacitar	Perguntas mais frequentes	Panfletos	Orientações	Perguntas e respostas
		explorar	Carta ao editor	Artigo acadêmico	Discurso	Discussão

Fonte: Adaptado de Figueredo (2011) e Sá (2016).

Com base no corpus de pesquisa foi compilado um corpus de estudo que será apresentado na seção a seguir.

3.2 Corpus de estudo

Partindo-se do CALIBRA como fonte de dados, foi compilado um corpus de estudo, contendo 32 textos pertencentes aos oito processos sócio-semióticos e de acordo com as quatro variáveis que constituem a linguagem dentro do contexto de cultura: **papel (ancilar ou constitutivo), grau de especialização**

(especializada/não-especializada), modo de veiculação (escrito/falado), tipo de interação (dialógica/monológica).

De maneira geral, o corpus de estudo é composto por 32 textos, no total de aproximadamente 9.800 palavras (*tokens*). O Quadro 4 a seguir contém os dados da compilação do corpus de estudo.

Quadro 4- Divisão do corpus de estudo

		Veiculação >	Escrito		Falado		Totais
		Interação >	Diálogo	Monólogo	Diálogo		
Grau de especialização	Papel	Processos sócio-semióticos	<i>Tokens</i>				
Especializada	Reflexão (constitutivo)	EXPLICAR	225	314	304	328	1.171
		RELATAR	236	316	307	296	1.155
		RECRIAR	287	290	313	296	1.186
		COMPARTILHAR	287	302	335	350	1.274
	Ação (ancilar)	FAZER	293	264	310	338	1.205
Especializada	Reflexão (constitutivo)	RECOMENDAR	307	300	302	309	1.218
		CAPACITAR	257	297	288	499	1.341
		EXPLORAR	306	342	300	300	1.248
							9.798 <i>tokens</i>

Fonte: Adaptado de Sá (2016)

Como mostra o Quadro 4, os subcorpora compilados de acordo com os oito processos sócio-semióticos são compostos por aproximadamente 1.200 *tokens*, totalizando de maneira geral aproximadamente 9.800 *tokens*.

Esses subcorpora são, por sua vez, compostos por aproximadamente 300 *tokens* contemplando as combinações das variáveis (escrito/falado, monólogo/diálogo). Note-se que buscou-se compilar textos completos contendo aproximadamente 300 *tokens* cada. Contudo, é possível notar pelos números apresentados no Quadro 4, a assimetria dos subcorpora no que diz respeito ao número de *tokens*. Isso ocorre pois, durante a compilação, como mencionado, foi dada a preferência por textos completos com aproximadamente 300 *tokens*. Contudo, foram mantidos os textos completos com número aproximado, abaixo ou acima de 300 *tokens*.

No caso de não haver textos com esse número aproximado, mas apenas muito acima dos 300 *tokens*, selecionou-se um número de orações de um dos textos do corpus de pesquisa aproximando os 300 *tokens*, eliminando-se aleatoriamente porções de texto.

Decidiu-se por compilar textos completos com aproximadamente 300 *tokens* visando a descrever as palavras verbais realizando experiência transitória por toda a logogênese.

Após compilado, o corpus de estudo foi submetido a segmentação e anotação manual, como será apresentado na seção a seguir.

3.3 Análise do corpus de estudo

Como apontado na seção anterior, a partir do corpus de pesquisa (CALIBRA), foram selecionados aleatoriamente 32 textos, um dentro de cada um dos processos sócio-semióticos, dentro das modalidades falado e escrito monólogo diálogo para formar o corpus de estudo. Foram selecionados textos com aproximadamente 300 *tokens*, formando um corpus com aproximadamente 9800 *tokens*.

O corpus de estudo foi então disposto em editor de planilhas eletrônicas e segmentado na ordem da palavra para que estas pudessem, por sua vez, ser segmentadas na ordem imediatamente inferior. Cada um dos 32 textos foi disposto em uma aba da planilha eletrônica para anotação.

O verbo foi examinado sob uma perspectiva trinocular, especificamente “de baixo”, segmentando-o nos morfemas que o constituem, e “ao redor”, sistema que organiza a estrutura lógica do verbo. Para descrever essa estrutura e o sistema que a organiza em maior grau de delicadeza, após a segmentação, o corpus de estudo foi submetido a anotação manual. Sob a perspectiva “de baixo”, o verbo foi segmentado em morfemas de acordo com os padrões sintagmáticos na constituição da estrutura por unidades da ordem imediatamente inferior, morfemas lógico-semânticos (MLS), morfemas experienciais (ME), e morfemas interpessoais (MI): (...MLS^MLS^ME)^ME+MI. Esse passo permitiu que fosse examinado e descrito em maior grau de delicadeza o sistema que organiza a estrutura lógica do verbo.

Na descrição da estrutura lógica do verbo e do sistema que a organiza em maior nível de delicadeza, decidiu-se no presente trabalho abordar a estrutura do verbo sob

a perspectiva da maneira como ela funciona atualmente. Contudo, o exame da estrutura lógica leva em consideração como essas estruturas evoluíram, ou seja, sob a perspectiva da semogênese: filogênese, como a estruturas se organizam no momento evolutivo atual do sistema, mas também como essa estrutura evoluiu, de maneira que uma abordagem filogenética que enfoque o passado histórico possa contribuir na descrição da estrutura no presente. Com esses aspectos em mente, aliado ao emprego dos métodos básicos de descrição de base sistêmico-funcional, como a manobra, e a articulação das categorias teóricas básicas de unidade, estrutura, classe, e sistema, foi empregada uma análise etimológica das palavras verbais. Para essa finalidade, foram consultados dicionários etimológicos *on line* e impressos digitalizados.

A análise etimológica auxiliou em certa medida na segmentação dos verbos em morfemas e a determinação das relações lógico-semânticas que seriam estabelecidas em períodos passados na linha evolutiva do sistema. Essa abordagem se mostrou profícua, especialmente em casos nos quais, sob uma perspectiva filogenética com enfoque no presente evolutivo do sistema, os morfemas lógico-semânticos (MLS) não estabelecem uma relação produtiva/operacional com os morfemas experienciais (ME), como é apresentado no capítulo de resultados.

Partindo desses passos metodológicos, visando a desenvolver em maior grau de delicadeza o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, que, “ao redor”, organiza as classes de morfemas de modificação na estrutura lógica do verbo, o verbo foi anotado de acordo com os padrões paradigmáticos de relações lógico-semânticas estabelecidas entre as duas classes de morfemas, os morfemas lógico-semânticos e os experienciais. Neste sentido, após a segmentação, por se tratar de uma estrutura lógica, partiu-se do pressuposto de que ela seria organizada em termos de *taxe* (hipotaxe e/ou parataxe) e relações lógico-semânticas (de **expansão**: extensão e/ou elaboração e/ou intensificação e/ou **projeção**). Assim, a anotação manual pautou-se pela busca por padrões que realizassem esses tipos de relações lógico-semânticas e de *taxe*. A Figura 6 a seguir apresenta uma captura de tela com a planilha eletrônica empregada para a segmentação e anotação do corpus de estudo, na qual é possível verificar exemplos de anotação.

presente pesquisa, se restringe às relações de expansão: elaboração, intensificação e extensão, o sistema de TIPOS DE EXPANSÃO; e o sistema de RECURSIVIDADE, promovendo, conseqüentemente a descrição da estrutura lógica do verbo no português brasileiro.

Com o uso do ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2015), foi possível abstrair de maneira geral quais morfemas lógico-semânticos potencialmente realizam cada uma das relações lógico-semânticas de expansão em cada uma das posições de modificação dos MLSs. A planilha eletrônica com segmentação em morfemas e anotação das relações lógico-semânticas de expansão foi importada para o ambiente de programação e foram separados os morfemas que realizam a modificação da experiência, qual relação de expansão cada um dos morfemas realizam, e em qual posição.

Após apresentar os passos metodológicos aplicados na descrição da estrutura lógica do verbo, o capítulo seguinte apresenta os resultados do exame das instâncias do corpus de estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como apresentado no capítulo de revisão teórica, Sá (2016) define o verbo sob uma perspectiva trinocular: “de baixo” a estrutura do verbo é composta pelos morfemas verbais, a saber, o morfema interpessoal, morfema experiencial e o morfema lógico-semântico; “ao redor”, as classes de morfemas são organizadas conforme tipo de experiência, orientação interpessoal, e a modificação das experiência; “de cima”, se agrupam de acordo com a função que encerram no grupo verbal, formando classes terciárias de verbo, a saber, verbo lexical, verbo auxiliar, e verbo modal, na funções de Evento, Auxiliar, Modal e Núcleo.

Partindo desse panorama geral traçado sob a perspectiva trinocular do verbo, foi possível analisar sua estrutura mais detidamente, especialmente “de baixo”, separando as classes de morfemas lógico-semânticos, e focalizando mais detidamente “ao redor”, tratando do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo, a modificação da experiência, com vistas a desenvolver em delicadeza o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA. As seções a seguir tratam mais detidamente o verbo sob a perspectiva “ao redor” e “de baixo” respectivamente.

4.1 Sistema de organização da estrutura lógica do verbo: MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Como exposto na fundamentação teórica, Sá (2016) descreve a estrutura de modificação da experiência realizada pelos morfemas lógico-semânticos (MLS), demonstrando que a modificação é realizada iterativamente. Em seu trabalho, Sá (2016) descreve o primeiro nível de delicadeza do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, que tem como condição de entrada o ‘verbo’, já que, como aponta o autor, o sistema organiza a estrutura dessa classe de palavra, e cuja a função é a Modificação. No sistema desenhado por Sá (2016), em um primeiro nível de delicadeza verificamos que é possível selecionar a modificação da experiência de maneira recursiva. Desta maneira, o sistema de modificação da experiência abre duas opções, (“||”), ou seja, a não-seleção de modificação, ou (“+”), a qual abre a recursividade na seleção de opções de modificação.

A Figura 7 a seguir apresenta o sistema de modificação da experiência, no nível inicial de delicadeza.

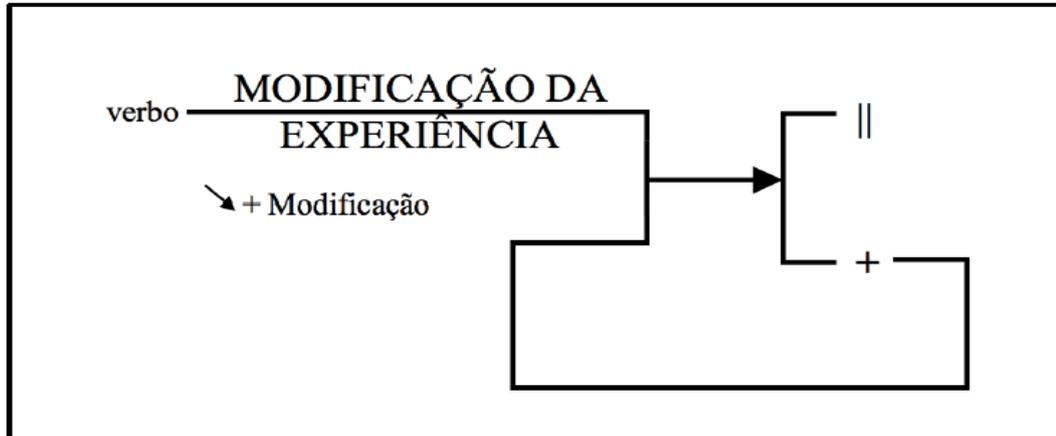


Figura 7- Primeiro nível de delicadeza do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA
Fonte: Sá, (2016, p. 81).

Sá (2016) aponta a importância da descrição desse sistema pois ele organiza a realização de novas experiências na estrutura do verbo através da modificação. Apesar da importância apontada por Sá (2016), o autor não contemplou os níveis mais delicados desse sistema, pois propõe uma descrição mais geral dos sistemas que organizam o verbo e o grupo verbal, deixando para futuras descrições o avanço em níveis mais delicados dos sistemas, como no caso da presente pesquisa, a descrição dos sistemas que organizam os tipos de relação de taxa e lógico-semânticas sob a perspectiva do componente lógico da metafunção ideacional. O exame às instâncias do corpus de estudo possibilitou descrever esse sistema em maior nível de delicadeza. Os parágrafos a seguir apresentam a descrição em maior nível de delicadeza do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo, o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

Para realizar a descrição em maior nível de delicadeza dos sistemas que organizam a modificação da experiência no verbo, é necessário considerar como a estrutura geral do verbo se organiza sob as perspectivas ideacional (experencial e lógica), e interpessoal. Como apresentado na seção de fundamentação teórica, Sá (2016) apontou que os MEs e os possíveis MLSs realizam orientação ideacional do verbo no português brasileiro. Sob essa perspectiva é possível analisar essa estrutura de dois pontos de vista complementares, experencial e lógico. Do ponto de vista

experiencial, a experiência é realizada pelo ME, (e não é verificada relação de qualificação realizada pelos MLSs, visto que eles não são responsáveis por separar classes de experiências, mas sim responsáveis por modificar a experiência, criando novas). Por outro lado, do ponto de vista do componente lógico, o exame é realizado sob a perspectiva das relações que são estabelecidas entre os elementos da estrutura da unidade analisada, no caso das palavras verbais, como MLSs e os próprios MEs modificam a experiência estabelecendo a criação de novas experiências. Da perspectiva interpessoal, o único elemento que realiza função é o MI, orientando o verbo interpessoalmente, realizando a função de Verbalidade, ou seja, conferindo à experiência o status de transitoriedade.

Partindo do exame de como cada uma das metafunções contribuem para a construção do significado no verbo, é possível avançar na delicadeza do sistema, descrevendo como se organiza sua estrutura lógica, estabelecida no complexo de MEs e entre os MLSs e os MEs, determinando a relação estabelecida entre os elementos e o Núcleo lógico.

Sob a perspectiva do componente experiencial, podemos afirmar que o ME é o núcleo semântico do verbo, esgotando todo o potencial experiencial, visto que os outros elementos da estrutura que respondem pela orientação ideacional do verbo são responsáveis por apenas modificar a experiência, iterativamente. Além disso, Sá (2016) aponta que a estrutura ME+MI corresponde à estrutura básica na realização da experiência transitória, e, portanto, o ME é o candidato mais provável a Núcleo da estrutura lógica do verbo. Assim, verifica-se que há uma alta probabilidade de convergência entre o núcleo semântico e o Núcleo lógico da estrutura do verbo no português brasileiro. O ML é responsável pela modificação iterativa da experiência encerrada pelo ME, conservando, portanto, uma orientação estritamente lógica sob a perspectiva ideacional do verbo.

Sá (2016) propõe o contínuo de experiência com polos na permanência e na transitoriedade. Nos exemplos apresentados por Sá (2016) encontramos os verbos com morfologia de particípio que funcionam como qualificadores em grupos nominais, que compartilham características de ambos os polos, (i.e., podem ser desmetaforizados em orações maiores e finitas, mas não operam como Processo na oração; apresentam MIs; apresentam características de permanência como gênero e número. Nestes casos, a experiência se encontra no centro do contínuo. No caso de a experiência ser realizada por palavras que têm na estrutura morfemas “nominais”,

i.e., palavras nominais, a experiência é considerada permanente. No caso da palavra verbal (composta por ME+MI, e possíveis MLSs) que contribui na realização de Processo na oração, a experiência é localizada no polo de transitoriedade.

Na presente pesquisa, o contínuo de experiência pode auxiliar a determinar o Núcleo da estrutura lógica do verbo no português brasileiro. Partindo-se da perspectiva desse contínuo podemos conferir o status de permanência ou transitoriedade através das escolhas morfológicas na composição da estrutura do verbo. Como mencionado anteriormente, a estrutura mínima, obrigatória na construção da experiência transitória realizada pelo verbo no português brasileiro é composta por um ME e um MI. Por outro lado, a estrutura de um substantivo que realizaria a experiência de permanência é composta por um morfema que carrega o conteúdo experiencial (equivalente ao ME do verbo) e um dos vários tipos de morfemas “nominais”. Podemos argumentar, então, que o morfema que carrega o conteúdo experiencial na construção da experiência ao longo de todo o contínuo é perene, ou seja, se mantém por todo o contínuo independentemente do tipo de experiência selecionado (permanente ou transitória).

Determinar o núcleo semântico e o Núcleo lógico do verbo nos permite determinar o movimento de modificação na estrutura do verbo. Tomando como ponto de partida o fato de a estrutura básica do verbo corresponder à sequência ME+MI, podemos afirmar que o primeiro movimento de modificação acontece, obrigatoriamente, do Núcleo para a direita, ou seja, a primeira modificação, e nesse caso o que determina a natureza transitória da experiência, é realizada pelo MI. Contudo, cabe ressaltar que a modificação realizada pelo MI na estrutura do verbo não faz parte da estrutura sob a perspectiva lógica, pois o MI é responsável apenas pela orientação interpessoal do verbo, realizando função de Verbalidade, inserindo a experiência no polo de transitoriedade do contínuo da experiência.

Na presente pesquisa, o exame realizado sob a perspectiva do componente lógico permite verificar como a estrutura de modificação da experiência no verbo se organiza em uma estrutura de variação única, a experiência é modificada de maneira iterativa, estabelecendo relações de *taxe*, de base hipotática e paratática, e relações lógico-semânticas de expansão.

O verbo “ao redor” é organizado de acordo com o tipo de experiência, a modificação da experiência e a orientação interpessoal. Como apresentado na seção de fundamentação teórica, segundo Sá (2016), o sistema de MODIFICAÇÃO DA

EXPERIÊNCIA, organiza as classes de morfemas, lógico-semânticos e experienciais na estrutura lógica de modificação da experiência, pois, como aponta o autor, a modificação da experiência pode ser realizada tanto por morfemas experienciais quanto por morfemas lógico-semânticos. Sá (2016, p. 82) aponta duas maneiras distintas de modificação da experiência, ou seja, a modificação realizada por morfemas experienciais e a realizada por morfemas lógico-semânticos seriam organizadas por sistemas diferentes, sendo a Modificação no verbo uma função apenas dos MLSs.

Contudo, à luz do exame realizado no corpus de estudo da presente pesquisa, partindo da segmentação prévia dos verbos encontrados no corpus de estudo em MLSs, MEs e MIs, seguida da anotação das relações lógico-semânticas estabelecidas entre os MLSs e os MEs, foi possível verificar que ambas, a modificação realizada pelos morfemas lógico-semântico e a realizada por morfemas experienciais, são realizações do mesmo sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

Como apontado no início desta seção, descrever a estrutura lógica do verbo nos permite verificar como as metafunções ideacional (componente lógico) e interpessoal se articulam para realizar a modificação da experiência. Em primeiro lugar, o ME é obrigatoriamente modificado pelo MI, e em segunda instância por possíveis MEs e MLSs. Importante notar que, como o exame às instâncias do corpus de estudo revelam, a modificação realizada pelo MI não é lógica, ou seja, não é recursiva, não forma complexos e não estabelece relações de taxa e lógico-semânticas. Isso nos leva a concluir que o MI, apesar de modificar o ME (orientando-o interpessoalmente) não faz parte da estrutura lógica do verbo.

Por outro lado, o exame às instâncias do corpus de estudo sob uma perspectiva “ao redor”, sob um enfoque pela perspectiva lógica das palavras verbais, revela uma estrutura de variação única (estrutura univariada), na qual verifica-se modificação lógica recursiva com formação de complexos. Em primeira instância, um ME pode ser modificado por outro ME, estabelecendo uma relação de parataxe e lógico-semântica. Em caso de modificação por MLSs, o ME e/ou a possível estrutura paratática (ME[^]) ME encerra a função de Núcleo de uma estrutura de base hipotática de modificação lógico-semântica. Isso revela que a modificação da experiência no português brasileiro tem uma base tanto paratática quanto hipotática de modificação lógica. A modificação realizada por MEs é de base paratática, enquanto a modificação por MLSs é de base hipotática, na qual um Núcleo dominante, realizado por apenas um

ME ou pela estrutura complexa ME[^]ME, é modificado por elementos dependentes, MLSs.

Como apresentado no capítulo de revisão teórica os sistemas que organizam a estrutura lógica em geral são os sistemas de TAXE e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS. O sistema de TAXE oferece as opções de hipotaxe, ou seja, os elementos da estrutura estabelecem uma relação de dependência entre si, ou parataxe, na qual os elementos estabelecem uma relação de igualdade de status. Essas relações de taxex, como já apontado no capítulo de revisão, são estritamente de variação única, e Halliday e Matthiessen (2014, p. 251) afirmam que “ a análise do componente lógico permite verificar como a construção da estrutura lógica se difere da construção característica de outros modos de significado metafuncional, já que, “sob essa perspectiva, as estruturas de variação única (univariadas) são formadas por um conjunto limitado de relações lógico- semânticas de expansão e projeção”.

Partindo desses princípios, e com base na segmentação e seguinte anotação das relações de taxex e lógico-semânticas estabelecidas entre os morfemas lógico-semânticos e os morfemas experienciais, observa-se que a estrutura de modificação da experiência é realizada logicamente no verbo em português brasileiro e é estabelecida em uma relação tanto paratática quanto hipotática, com possibilidade de aninhamento (*nesting*). A modificação de base paratática é realizada pela estrutura potencial ME[^]ME, na qual a experiência encerrada por um ME é modificada por outros MEs. A modificação de base hipotática, por sua vez, é realizada pela estrutura estabelecida entre os possíveis MLSs e o Núcleo lógico da estrutura hipotática realizado por um ME ou pela estrutura (ME[^]) ME. A estrutura lógica do verbo será representada de acordo com a notação sistêmico-funcional¹⁸.

¹⁸ Estruturas hipotáticas serão representadas pela notação das letras gregas (‘α, β, γ, δ, ε, ζ, η’). Estruturas paratáticas serão representadas pela notação numérica 1 2 3 ..., com aninhamento indicado de maneira usual: 11 12 2 31 32 (...).

Minha tradução de: Hypotactic structures will be represented by the Greek letter notation (‘α, β, γ, δ, ε, ζ, η’). For paratactic structures we shall use a numerical notation 1 2 3 ..., with nesting indicated in the usual way: 11 12 2 31 32 (...).

Quadro 5- Representação da estrutura lógica do verbo

Exemplo (3)		X	X	co	re	sol	cit	amos
Morfemas		MLS [^]	MLS [^]	MLS [^]	MLS [^]	ME [^]	ME+	MI
Estrutura lógica	parataxe					1	2	
	hipotaxe		δ	γ	β	α		

Fonte: elaborada para fins deste estudo

Como já apontado, o MI é obrigatoriamente o primeiro elemento a modificar o ME na construção da experiência transitória, mas o faz fora da estrutura lógica pois é responsável apenas pela orientação interpessoal do verbo.

A anotação das instâncias extraídas do corpus de estudo, revelam que a modificação lógica do verbo se dá, em primeira instância, potencialmente da relação paratática entre os MEs e, em um potencial movimento de modificação realizado pelos MLSs, é estabelecida uma relação hipotática, na qual um Núcleo lógico “ α ”, realizado pelo ME ou pela estrutura (ME[^]) ME, é modificado por elementos dependentes, “ β , γ , δ ...”. No **Exemplo 3** do Quadro 5 acima, retirado da planilha de anotação do corpus de estudo, o morfema “cit”, que realiza uma experiência de “sentir”, é modificado logicamente em uma relação paratática por outro ME, “sol”, que realizaria, sozinho, uma experiência de “fazer”. Para realizar o potencial movimento de modificação de base hipotática, foram inseridos, como exercício de agnação, MLSs no **Exemplo 3**, a fim de demonstrar como a modificação lógica de base hipotática da experiência é realizada pelos morfemas lógico-semânticos. Como verificamos no Quadro 5, os elementos dependentes são representados por “ β , γ , δ ”, necessariamente estabelecendo uma relação de hipotaxe com o Núcleo “ α ”.

Como podemos verificar, a modificação lógica da experiência tem o potencial de se desenvolver em aninhamento. A modificação de base paratática é potencialmente realizada por um ME estabelecendo relação de modificação com outro ME. Essa estrutura é representada no Quadro 5 acima, pela notação numérica 1, 2. No movimento de modificação de base hipotática, realizado pelos MLSs, o complexo de MEs se torna, por sua vez, o Núcleo lógico “ α ”, sendo todo ele modificado iterativamente por possíveis elementos dependentes, representados por “ β , γ , δ , ϵ ”. Note-se que um ME potencialmente modifica outro, criando uma nova experiência transitória. Essa relação que realiza a estrutura, e não apenas um ME, é modificada por um possível MLS. A estrutura resultante dessa modificação, por sua vez, pode ser

potencialmente modificada por outro MLS, ou seja, a estrutura ideacional como um todo é modificada por cada elemento seguinte na estrutura a cada movimento de modificação.

Assim, sob uma perspectiva “ao redor”, com base no exame realizado nas instâncias extraídas do corpus de estudo, é possível desenhar o subsistema de TAXE responsável por organizar as classes de morfemas numa relação de hipotaxe ou parataxe.

A relação de parataxe é realizada pela estrutura $ME^{\wedge}ME$. A estrutura hipotática é realizada por $MLS^{\wedge}ME$. A Figura 8 a seguir apresenta o sistema de TAXE.

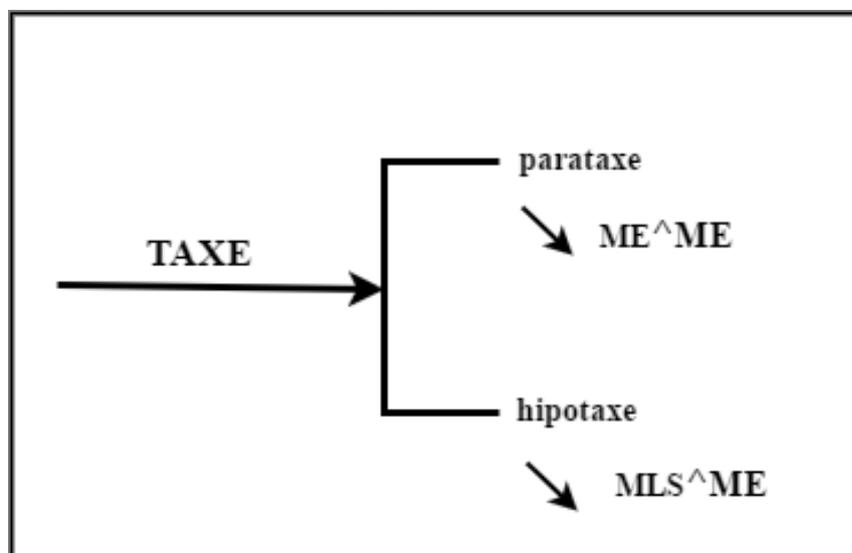


Figura 8-Sistema de TAXE
Fonte: elaborada para fins deste estudo

Ainda conservando uma perspectiva “ao redor”, o exame às instâncias do corpus de estudo revela que, em cosseleção com o sistema de TAXE, a estrutura lógica do verbo faz seleção no sistema que organiza as relações lógico-semânticas, que como já apontado previamente, se restringem às de expansão organizados pelo sistema de TIPOS DE EXPANSÃO. De maneira geral, Halliday e Matthiessen (2014, p. 443) afirmam que:

Existe uma gama de diferentes relações lógico-semânticas, que podem ser estabelecidas entre dois elementos, um primário e um secundário, formando nexos, manifestando-se por toda a escala de ordens e em todos os tipos de

textos. Contudo, é possível agrupar essas relações em um número restrito de opções de tipos de relações fundamentais de (1) expansão e (2) projeção¹⁹.

No corpus de estudo compilado para esta pesquisa não foram encontradas instâncias realizando relações de projeção entre MLSs e MEs, restringindo-se apenas às relações de expansão.

Em relações de expansão, o elemento secundário expande o primário i) elaborando-o, ii) extendendo-o, ou ii) intensificando-o. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 443) :

A expansão relaciona fenômenos da mesma ordem de experiência, enquanto a projeção relaciona fenômenos de uma ordem de experiência (e.g., processos de dizer e pensar) a fenômenos de ordem superior (fenômenos semióticos- o que pessoas pensam e dizem) ”²⁰.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 444) apresentam uma definição básica de cada um dos tipos de expansão:

- a) **Extensão**: na formação de complexos que se manifestam por toda a escala de ordens, o elemento secundário expande o primário adicionando um novo elemento, apresentando uma exceção, ou oferecendo uma alternativa.
- b) **Elaboração**: na formação de complexos que se manifestam por toda a escala de ordens, o elemento secundário expande o primário elaborando-o: rerepresentando com outras palavras (orações, morfemas); especificando em maior grau de detalhe; comentando; ou exemplificando.
- c) **Intensificação**: na formação de complexos que se manifestam por toda a escala de ordens, o elemento secundário expande o primário intensificando-o: qualificando-o com alguma característica circunstancial de tempo, local, causa ou condição.

¹⁹ **Minha tradução de:** there is a wide range of different logico-semantic relations, any of which may hold between a primary and a secondary member of a clause nexus. But it is possible to group these into a small number of general types, based on the two fundamental relationships of (1) **expansion** and (2) **projection**.

²⁰ **Minha tradução de:** “Expansion relates phenomena as being of the same order of experience, while projection relates phenomena of one order of experience (the processes of saying and thinking) to phenomena of a higher order (semiotic phenomena – what people say and think).”

Assim, conservando uma perspectiva “ao redor”, com base no exame ao corpus de estudo, podemos desenhar o sistema de TIPOS DE EXPANSÃO que organiza os tipos de relações lógico-semânticas estabelecidas entre os MLSs e os MEs na estrutura lógica do verbo. A Figura 9 a seguir apresenta o subsistema de TIPOS DE EXPANSÃO que organiza a estrutura lógica do verbo no português brasileiro.

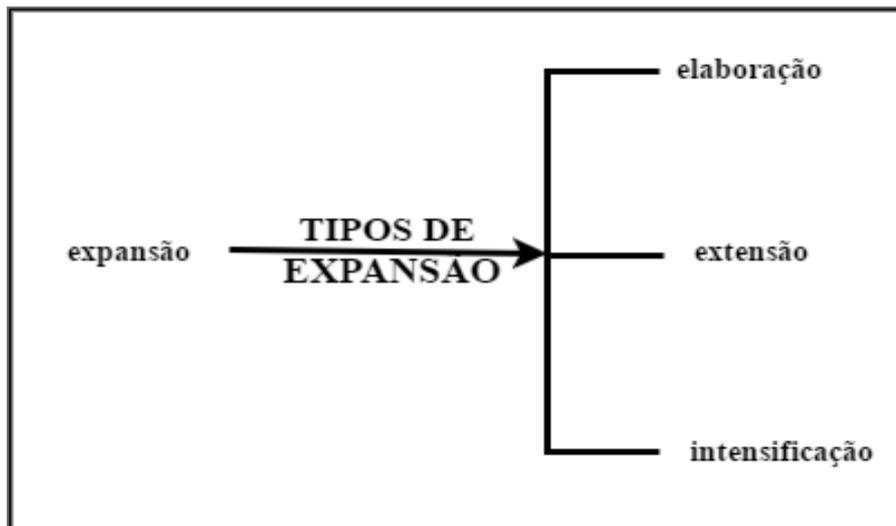


Figura 9-Sistema de TIPOS DE EXPANSÃO
Fonte: elaborada para fins deste estudo

Como mencionado, a presente descrição contemplou as relações lógico-semânticas estabelecidas entre os MLSs e os MEs, que se restringem às relações de expansão: intensificação, extensão e elaboração. A seguir, após a apresentação do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, apresentam-se exemplos de instâncias extraídas do corpus de estudo compilado para a presente pesquisa com relações lógico-semânticas de expansão estabelecidas entre os MLSs e MEs.

Tendo esboçado os subsistemas que organizam a estrutura lógica do verbo no português brasileiro separadamente, é possível desenhar em maior grau de delicadeza a rede de sistemas geral que organiza esses significados. A Figura 10 a seguir apresenta o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

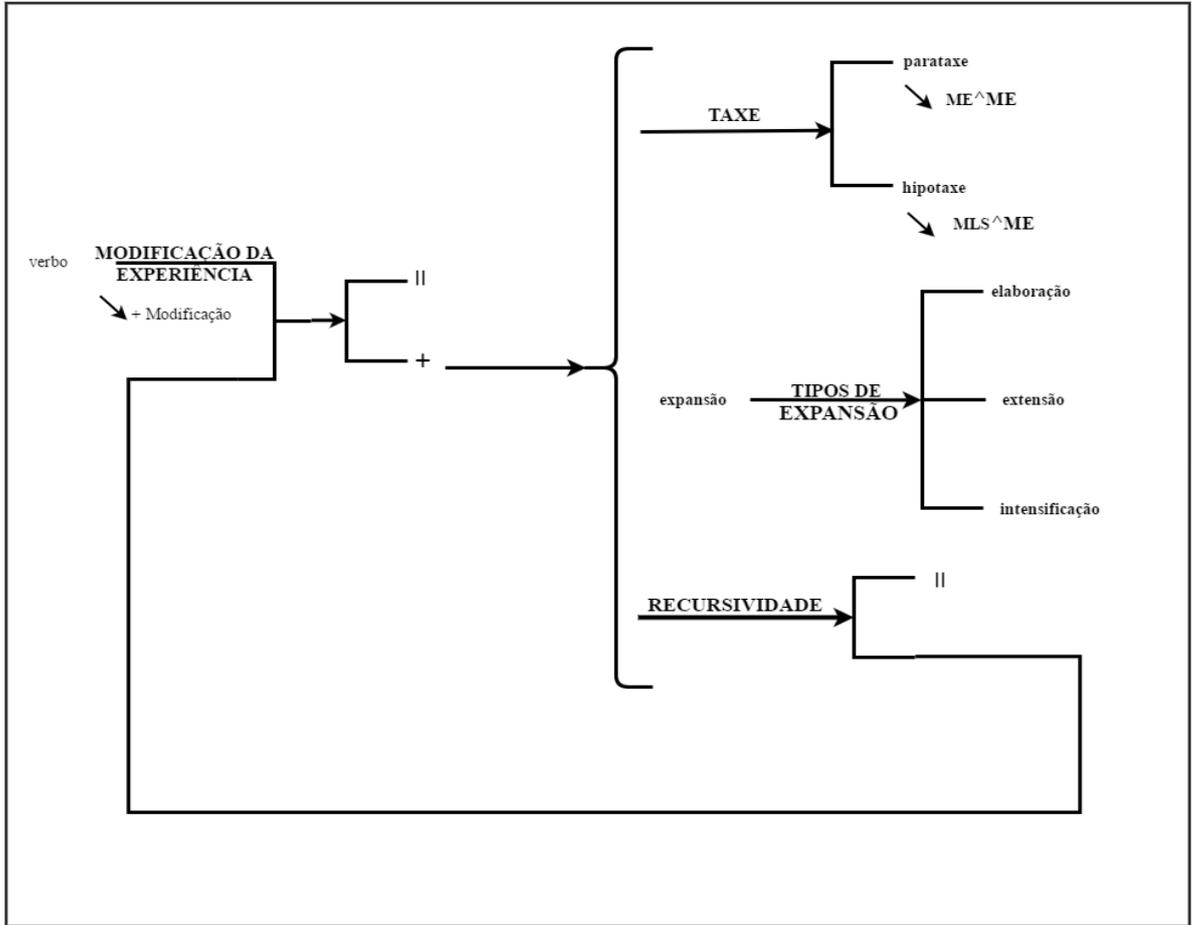


Figura 10-Sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA-Um passo na delicadeza
 Fonte: elaborada para fins deste estudo

Tendo esboçado o desenho da rede de sistemas que organiza a estrutura lógica do verbo, é possível apresentar exemplos de como essa estrutura funciona.

No **Exemplo 3** do Quadro 5 acima, retirado do corpus de estudo e modificado lógico-semanticamente por MLSs como exercício de agnação, as relações estabelecidas seriam representadas como segue no Quadro 6:

Quadro 6- Relações lógico-semânticas de expansão estabelecidas no verbo

Exemplo (4)			co	re	soli	cit	amos
Morfemas	MLS^	MLS^	MLS^	MLS^	ME^	ME+	MI
Estrutura lógica					1	2	
			x γ	=β	α		

Fonte: elaborada para fins deste estudo

Como pode-se ver no Quadro 6, **Exemplo 4**, a estrutura realizada pelos dois MEs, 'soli' e 'cit', que juntos realizam a experiência do verbo, tornam-se, por sua vez,

o núcleo da estrutura lógica do verbo. Esse núcleo, representado pelo símbolo 'α', é modificado lógico-semânticamente por um MLS, 're', representado no exemplo por '=β', estabelecendo assim uma relação, como a representação mostra, de elaboração. Num outro movimento de modificação, toda essa estrutura é, por sua vez, modificada por outro MLS, 'co', estabelecendo uma relação de intensificação.

Note-se que, a partir da análise do corpus de estudo, alguns testes podem auxiliar na classificação das relações de expansão estabelecidas pelos MLSs e os MEs. Como apontado, em relações de **intensificação**, um elemento expande o outro agregando informações circunstanciais de tempo, localização espacial, qualidade, modo, acompanhamento, etc. Assim, nos casos de modificação da experiência através de relações de **expansão: intensificação**, é possível fazer agnação, em certa medida, do MLS com alguma circunstância adequada. Conseqüentemente, uma extensão deste teste é empregar uma das perguntas que elicitam respostas realizando circunstâncias: Onde?; Quando?; Com quem?; Como?; etc. Veja os **Exemplo 5** a seguir retirados do corpus de estudo desta pesquisa:

Exemplo 5: “e leve ao forno médio **pré-aquecido** a 180°C por cerca de 30 minutos”

Como podemos verificar na experiência realizada pelo verbo “pré-aquecido”, no **Exemplo 5** acima, uma relação de intensificação é estabelecida entre o MLS 'pré' e 'a-quec'. É possível realizar um teste de agnação, de maneira que o 'pré' é agnado por uma circunstância de localização temporal- ' e leve ao forno médio aquecido anteriormente, antes desse momento, etc. No **Exemplo 6** a seguir, retirado do corpus de estudo será apresentado um caso no qual é possível realizar uma agnação com uma circunstância comitativa.

Exemplo 6: “A empresa deverá **comunicar** imediatamente à Coordenação do programa”

Como podemos verificar no **Exemplo 6** acima, o MLS 'co' do verbo '**comunicar**' poderia ser agnado por uma circunstância comitativa. É importante ressaltar que nesse verbo, temos um caso no qual o MLS não é mais operacional sob uma perspectiva filogenética do momento atual da evolução do sistema (perspectiva sincrônica). Contudo, é possível realizar o exercício de agnação, demonstrando que o 'co' poderia, no caso de esse morfema ser ainda operacional, por uma circunstância comitativa, 'com outra(s) pessoa(s)'.

Em relações lógico-semânticas de **expansão: elaboração** estabelecidas entre elementos, de maneira geral, o elemento secundário reitera o primário, rerepresentando de alguma maneira, repetindo, especificando em maior grau de detalhe. Nas relações de modificação da experiência através de **expansão: elaboração** nas quais o MLS repete ou de alguma maneira apresenta a contrapartida negativa da experiência, o ME realizaria sozinho, a princípio, uma experiência transitória, salvo em casos nos quais os MLSs não são mais operacionais. Por outro lado, em relações de modificação nas quais o MLS funciona como ‘inicializador’ da experiência, e, portanto, o ME nesses casos não realizaria uma experiência sem a modificação estabelecida pelo MLS, como nos verbos, “apaziguar, atropelar, agradecer”. Nesses casos, o MLS funciona como algo próximo à fase no grupo verbal. Veja os **Exemplo 7 e 8** abaixo, extraídos do corpus de estudo.

Exemplo 7: “Desligue o fogo”

Exemplo 8: “O velho entristeceu-se profundamente, (...)”

Note-se que **Exemplo 7** acima, o verbo ‘*desligue*’ realiza uma experiência na qual temos o MLS ‘des’ modificando em uma relação de **expansão: elaboração** o ME ‘ligu’. Nesse caso, o ME sozinho realizaria uma experiência que foi modificada pelo MLS, expandindo com uma camada de ‘negatividade’. No segundo exemplo **Exemplo 8**, o MLS ‘en’ modifica o ME ‘tristec’, funcionando como ‘inicializador’ da experiência. Note-se que de outra maneira, ou seja, sem a modificação realizada pelo MLS ‘en’, no português, o ME ‘tristec’ não realiza uma experiência transitória.

Em relações de **expansão: extensão**, de maneira geral, o elemento secundário expande o primário adicionando novo significado, oferecendo uma alternativa. Sob a perspectiva da modificação da experiência, os MLSs estabelecem esse tipo de relação em casos nos quais o ME sozinho já realiza uma experiência transitória e é expandido pela modificação do MLS, realizando uma experiência diferente. Veja os **Exemplo 9**, retirado do corpus de estudo.

Ex.9: “ocorre principalmente nessa época do ano”

Note-se que no **Exemplo 9** o ME ‘corr’ é modificado em uma relação de extensão pelo MLS ‘o’, e que nesse caso, o ME realizaria sozinho uma experiência transitória de ‘fazer’ completamente diferente da estabelecida com a modificação lógico-semântica.

Em outros casos de extensão, com MLS diferentes, como é o caso da experiência transitória '*obedecer*', '*observar*', o MLS funciona como um indicador de escopo (*range*) do ME.

A seguir são apresentados mais exemplos da relação de modificação da experiência realizada por MLSs, extraídos do corpus de estudo desta pesquisa:

Hipotaxe & expansão: extensão

Quadro 7-Modificação da experiência- Hipotaxe & expansão:extensão

Ex. 10	o	corr	e
Ex. 11	a	credit	ar
Ex. 12	a	prov	ar
Ex. 13	ab	us	am
Ex. 14	a	guard	em
Ex. 15	ob	edec	er
Ex. 16	ob	serv	ar
Ex. 17	o	ferec	em
Ex. 18	a	parec	eu
Morfemas	MLS [^]	ME+	MI
Estrutura lógica	+ β	α	

Fonte: elaborado para fins deste estudo

Nos **Exemplos de 13 a 18** do Quadro 7 acima, os MLSs '*o*', '*a*', '*a*' e '*ab*', respectivamente, estabelecem uma relação de **extensão** com os MEs '*corr*', '*credit*', '*prov*' e '*us*'. Note-se que nesses exemplos todos os ME poderiam realizar, juntamente com os MIs, uma experiência transitória diferente das estabelecidas com a modificação lógica dos MLSs: '*correr*', '*creditar*', '*provar*' e '*usar*'. Os MLSs nesses casos expandem o significado realizado pelo ME através da adição de significados, apresentando uma alternativa. Nos **Exemplos 15 a 17**, com os verbos '*oferecer*', '*obedecer*' e '*observar*', o ME não realizaria, apenas com o MI, uma experiência transitória, precisando necessariamente ser modificado por um MLS.

Hipotaxe & expansão: elaboração

Quadro 8-Estrutura lógica-Hipotaxe & expansão: elaboração

Ex. 19	a	gradec	emos
Ex. 20	des	ligu	e
Ex. 21	a	dicion	e
Ex. 22	re	duz	ir
Ex. 23	ad	quir	e
Ex. 24	a	ssinal	ar
Ex. 25	re	nov	ado
Ex. 26	a	cab	ar
Ex. 27	a	trapalh	ar
Ex. 28	re	ceb	e
Ex. 29	a	propri	am
Ex. 30	re	volucion	ar
Ex. 31	de	sej	ar
Ex. 32	en	tristec	eu
Ex. 33	a	cert	ou
Ex. 34	a	nunci	ar
Ex. 35	a	posent	aria
Morfemas	MLS	ME	MI
Relações lógico-semânticas	= β	α	

Fonte: elaborado para fins deste estudo

Nos **Exemplos de 19 a 35** do Quadro 8 acima, os MLSs ‘a’, ‘des’, ‘ad’, ‘re’, ‘en’ estabelecem uma relação lógico-semântica de **elaboração** com os respectivos MEs ‘ligu, dicion, duz, quir, ssinal, nov, cab, trapalh, ceb, propri, volucion, sej, tristec, cert, nunci, posent’. Note-se que numa relação de **elaboração** os MLSs expandem os MEs apresentando uma alternativa (negativa) ou repetindo/reiterando o ME, criando uma relação de identidade, repetição como em ‘desligar’ (contrário de ‘ligar’) e ‘reduzir’ respectivamente. Nos **Exemplos 24, 27, 32, 33**, com os verbos ‘assinalar’, ‘atrapalhar’, ‘entristeceu’, ‘acertou’ a relação de elaboração estabelecida é de inicialização/engatilhamento da experiência transitória (como mencionado, algo próximo à fase no complexo de grupos verbais). Note-se que nesses casos, os MEs

‘gradec’ e ‘dicion’ poderiam, mas não realizam experiência transitória no português brasileiro sem a modificação dos MLSs, que inicializa a experiência transitória.

Hipotaxe & expansão: intensificação

Quadro 9- Estrutura lógica-Hipotaxe & expansão: intensificação

Ex. 36		co	munic	ar
Ex. 37		co	loqu	e
Ex. 38	pré	a (=β)	quec	ido
Ex. 39		sub	stítu	indo
Ex. 41		con	sum	ir
Ex. 42		con	vers	ar
Ex. 43		pre	par	ar
Ex. 44		con	tribu	ir
Ex. 45		es	clarec	er
Ex. 46		su	rg	ir
Ex. 47		e	limin	ar
Ex. 48		pre	cis	o
Ex. 49	a (=γ)	con	tec	e
Morfemas	MLS	MLS	ME	
Relações lógico-semânticas	x γ	xβ	α	

Fonte: elaborado para fins deste estudo

Nos **Exemplos 36 a 49** no Quadro 9, os MLSs ‘co, pré, sub, con, pre, es(ex), su, e e’ modificam os MEs ‘munic, loqu, quec, stítu, sum, vers, par, tribu, clarec, rg, limin, cis, tec’ estabelecendo uma relação de **intensificação**. Cada uma dos MLSs poderia ser agnado por uma circunstância comitativa, ‘comunicar, coloque’, ou por uma circunstância de localização espacial, ‘substituindo, esclarecer, surgir, eliminar’, ou de localização temporal, ‘pré-aquecido, preparar’.

A anotação das relações lógico-semânticas de expansão estabelecida entres os MLSs e os MEs das instâncias do corpus de estudo e a importação das planilhas no ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2015) permitiu o agrupamento das funções estabelecidas pelos MLSs, possibilitando abstrair quais morfemas no

português têm o potencial para realizar cada uma das relações lógico-semânticas em cada uma das posições de modificação da experiência. O Quadro 10 a seguir apresenta cada uma das relações de expansão estabelecidas entre os morfemas lógico-semânticos e os morfemas experienciais, quais morfemas têm o potencial de realizá-las em cada uma das posições na estrutura do verbo.

Quadro 10-Potencial de morfemas na realização de relações lógico-semânticas e exemplos

Relação lógico-semântica		Realização em ML (segunda posição)	Realização em ML (primeira posição)	Exemplos (ML^ML) (segunda posição)	Exemplos (ML) (primeira posição)
Expansão	Elaboração	a; des; in; re	a; ad; al; d; de; des; di; dis; em; en; i; im; in; re	<i>arrependeu; desapareceu;</i> <i>al (ad)moçar; informei;</i> <i>recomendamos;</i>	<i>assegura; admira, adotam, adora;</i> <i>d'ourado; desistir; descobrir, desligue;</i> <i>dificultar; dispõe, distinguir; embalar;</i> <i>envolver; iluminado; impedir; informar;</i> <i>refletem, revela, reduzir, retorna;</i>
	Extensão		a; ab; auto; im; o; ob; se; tra		avisou; abusam; auto-motivar; impõe; ocorre;
	Intensificação	pré;	co; com; con; cum; de; e; en; ex; im; in; o; per; pre, pro; se; su; sub; trans; ultra	pré-separar	comprovada; conquistar; cumprir; definir; eliminar; encontrava; entender; expor; importa; investigar; oferecer; perguntar; preparar; protegendo; separar; surgir; substituir; transferir; ultrapassar

Fonte: elaborado para fins deste estudo

Como podemos verificar no Quadro 10 acima, a primeira posição de modificação realizada por MLSs apresenta o maior potencial de realizações. À medida que nos movemos da direita para a esquerda na estrutura, verifica-se que as realizações vão se restringindo. Na primeira posição a partir do ME, todas as possibilidades de realização são empregadas na modificação da experiência. Já na posição seguinte, foram encontradas as realizações de alguns poucos morfemas lógico-semânticos de **intensificação e elaboração**.

É necessário tecer algumas considerações sobre o aspecto de complementaridade estabelecido entre as visões diacrônica e sincrônica do processo de modificação lógica da experiência na estrutura do verbo no português brasileiro.

Como previamente apontado no capítulo de fundamentação teórica desta dissertação, em uma discussão levantada sobre a dicotomia sincronia/diacronia, Halliday (cf. MARTIN, 2013, p. 19) aponta que as visões, quando abordadas em sua perspectiva de complementaridade, podem iluminar-se mutuamente. Ainda nos remetendo ao capítulo de fundamentação teórica deste trabalho, foi apontado como essa dicotomia é abordada pela perspectiva da Linguística Sistêmico-funcional, apresentando a **semogênese** e, em particular, a visão da **filogênese**, sob a qual fenômenos considerados sincrônicos e diacrônicos são examinados. Tomando-se a **filogênese** como uma perspectiva temporal particular, sob a qual é examinada a evolução dos sistemas linguísticos humanos, é possível não só examinar estruturas sob uma perspectiva filogenética atual, mas também como essas estruturas evoluíram filogeneticamente até chegar nesse ponto da evolução.

Sob essa perspectiva, é então possível examinar como o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA organiza a estrutura lógica do verbo no português brasileiro, levando em consideração o funcionamento da estrutura atualmente, mas também como essa estrutura evolui em termos da produtividade/operacionalidade dos morfemas lógico-semânticos realizando a modificação da experiência. Embora muitos dos MLSs não sejam produtivos sob uma perspectiva filogenética atual, ou a análise demande uma abordagem filogenética que enfoque o passado da língua, uma abordagem do presente se enriquece à medida que consideramos o passado evolutivo dos sistemas.

Examinar a estrutura lógica do verbo em português brasileiro partindo desse pressuposto nos permite verificar como morfemas lógico-semânticos que foram

operacionais num passado histórico, sob uma perspectiva filogenética do passado evolutivo, ou seja, diacrônica, o deixam de ser sob uma perspectiva filogenética atual, sincrônica. Partindo da complementaridade dessas duas perspectivas, o exame ao corpus de estudo, baseado em critérios descritivos de base sistêmico-funcional e com o auxílio de consulta a dicionários etimológicos, como apontado no capítulo de metodologia, mostra que alguns morfemas lógico-semânticos não são mais operacionais, na medida em que a experiência encerrada pelos MEs não pode mais ser realizada sem a modificação realizada pelos MLSs. Os **Exemplos 50 a 53** no Quadro 11 a seguir, retirados do corpus de estudo, mostram instâncias nas quais os MLSs não são mais operacionais sob uma perspectiva filogenética do presente, sincrônica, de análise.

Quadro 11-Morfemas não-operacionais sincronicamente

Ex. 50		re	duz	ir
Ex. 51		com	eç	ando
Ex. 52		en	sin	ar
Ex. 53	in	co	mod	ar
Morfemas	MLS	MLS	ME	MI
Estrutura lógica	γ	β	α	

Fonte: elaborado para fins deste estudo

Os Exemplos 50 a 53 no Quadro 11 acima mostram instâncias nas quais os MLSs não são mais operacionais sob uma perspectiva sincrônica de análise. As estruturas lógicas de verbos nos quais os MLSs não são mais operacionais sob a perspectiva sincrônica se diferem na medida em que os MEs poderiam, mas não realizam, a experiência na ordem da palavra sem a modificação uma vez realizada pelos MLSs. Ou seja, neste tipo de estrutura, os MLSs e os MEs são de certa maneira “cristalizados”. Além disto, é importante salientar que, apesar de “cristalizados” na modificação com os MEs, esses MLSs não podem realizar a experiência por si só, já que são responsáveis estritamente pela modificação da experiência, ou seja, modificando os MEs realizando novas experiências. Veja os Exemplos 54 a 59 no Quadro 12 a seguir.

Quadro 12- Exemplos morfemas não-operacionais

Ex. 54	en	contr	ar
Ex. 55	e	limin	ar
Ex. 56	com	bin	ados
Ex. 57	re	sist	ir
Ex. 58	ex	sist	ir
Ex. 59	a(s)	sist	ir
Morfemas	MLS	ME	MI
Estrutura lógica	β	α	

Fonte: elaborado para fins deste estudo

Como podemos verificar nos **Exemplos 54 a 59** do Quadro 12 acima, os MEs poderiam realizar uma experiência sem a modificação realizada pelos MLSs, contudo, não é o caso no português brasileiro, ou seja, apenas através da modificação realizada pelos MLSs, numa perspectiva filogenética do passado, diacrônica, é possibilitada a realização de uma experiência no caso desses MEs. No Quadro 12 acima, nenhum dos MEs, '*contr, limin, bin, e sist*', realizam a experiência em português brasileiro sem a modificação realizada pelos MLSs '*em, e, com, re, ex, a(s)*'. Note-se ainda, as três experiências transitórias realizadas pela modificação do ME '*sist*': cada uma delas só é possível devido às modificações realizadas respectivamente pelos MLSs, '*re, a, ex*' e nenhuma experiência é realizada apenas pelo ME '*sist*' no português brasileiro.

É importante notar que morfemas lógicos-semânticos que não são mais operacionais sob uma perspectiva filogenética do presente, sincrônica, em algumas instâncias, ainda podem ser operacionais em outras. Veja os exemplos comparativos do Quadro 13 a seguir, nos quais os mesmos MLSs são operacionais em determinadas instâncias e não-operacionais em outras.

Quadro 13-Comparativo de morfemas operacionais e não-operacionais

Operacionais (produtivos)					Não-operacionais (não-produtivos)				
Ex. 60		a	not	ei	Ex. 65		a	jud	ar
Ex. 61		re	lemb	o	Ex. 66		re	quisit	ado
Ex. 62		con	fund	ir	Ex. 67	a	con	tec	e
Ex. 63		in	form	a	Ex. 68		in	vestig	ar
Ex. 64		ex	ponh	a	Ex. 69		ex	plic	ar
					Ex. 70		re	plic	ar
Morfemas		MLS	ME	MI			MLS	ME	MI
Estrutura lógica	γ	β	α		Estrutura lógica	γ	β	α	

Fonte: Elaborado para fins deste estudo

Como podemos observar nos **Exemplos 65 a 70** no Quadro 13 acima, os verbos ‘ajudar, requisitado, acontece, investigar, explicar, replicar’, os MLSs não são operacionais sob uma perspectiva filogenética do presente evolutivo, sincrônica, pois como mostram os exemplos, os MEs ‘-jud, -quisit, -contec, -vestig, e -plic’ não realizam, no português brasileiro, a experiência sem a modificação realizada pelos MLSs ‘a, re, a-con, in, ex, re’ respectivamente. Por outro lado, nos **Exemplos 60 a 64** observando os verbos ‘anotei, relembro, confundir, informa, exponha’ sob uma perspectiva sincrônica, os MLSs são operacionais, de maneira que os MEs podem realizar uma experiência diferente, mesmo sem a realização de modificação por MLSs. As experiências transitórias realizadas pelos verbos sem a modificação por MLSs é perfeitamente possível no português brasileiro, formando respectivamente os verbos ‘notar, lembrar, fundir, formar, por’. A comparação dos **Exemplos 60 a 70** acima mostra, como mencionado, que os MLSs que não são operacionais em determinados casos, são operacionais em outras instâncias nas quais a ausência da modificação realizada pelos MLSs realiza experiências distintas das modificadas pelos morfemas lógico-semânticos.

Podemos depreender dos exemplos acima que os verbos podem ser dispostos em um contínuo de operacionalização dos morfemas lógico-semânticos. Em um polo estariam dispostos os verbos cujos MEs modificados por MLSs realizariam uma experiência mesmo sem a modificação realizada por MLSs. No outro polo, estariam dispostos os verbos cujos MEs realizam experiência estritamente se forem

modificados por MLSs específicos. Nas áreas intermediárias são dispostos os verbos cujos MEs só realizam experiência se modificados por MLSs, mas com certo grau de operacionalização, já que no caso de alguns MEs específicos é possível trocar MLSs formando novas experiências transitórias. A Figura 11 a seguir representa o contínuo de operacionalização e o Quadro 14 contém exemplos dispostos ao longo do contínuo.

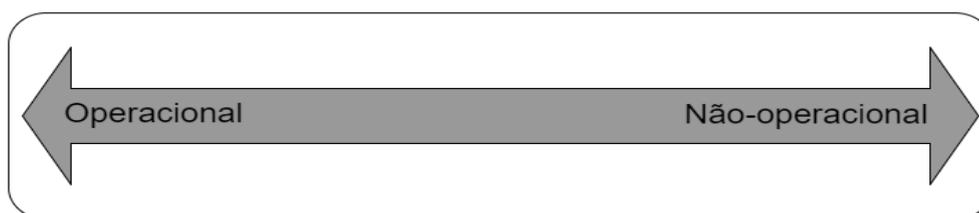


Figura 11- Contínuo de operacionalização de morfemas lógico-semânticos
Fonte: elaborada para fins deste estudo

Quadro 14-Exemplos ao longo do contínuo de operacionalização de morfemas lógicos-semânticos

a	not	ei		ex	plic	ar		a	jud	ar	
re	lemb r	o		re	plic	ar		re	quisi t	ado	
con	fund	ir		a	plic	ar		a	con	tec	e
in	form	a		sub	stit u	ir		in	vesti g	ar	
ex	ponh	a		in	stit u	ir		con	tat	ar	
MLS	ME	MI		MLS	ME	MI		MLS	MLS	ME	MI
β	α			β	α			γ	β	α	

Fonte: elaborado para fins deste estudo

Como verificamos no Quadro 14, os verbos cujos MLSs são operacionais, ou seja, modificam MEs que sozinhos realizam uma experiência na ordem da palavra, são dispostos no polo 'operacional' do contínuo de operacionalização de morfemas

lógico-semânticos, os verbos ‘anotei, relembro, confundir, informa, e exponha’, respectivamente. Como mencionado, os MEs modificados logicamente pelos MLSs realizariam uma experiência diferente por si sós, ‘notei, lembro, fundir, forma e ponha’, respectivamente. Por outro lado, os verbos cujos MEs só realizam, no português brasileiro, experiência sendo modificados especificamente pelos MLSs são dispostos no polo ‘não-operacional’ do contínuo de operacionalização. Como verificamos no Quadro 14, os MEs dos verbos ‘ajudar, requisitado, acontece, investiga e contatar’, respectivamente, não realizam experiência sem a modificação específica dos MLSs ‘a, re, con, in, con’ . Note-se que, diferentemente dos verbos dispostos na área intermediária do contínuo, nos quais é possível alternar os MLSs de maneira a criar uma nova experiência, não é possível criar novas experiências alternando os MLSs nos verbos no polo ‘não-operacional’ do contínuo. Assim, verificamos que se modificando o ME ‘plic’ com os MLSs ‘ex, re, a’ realizam-se três experiências distintas, com uma modificação lógico-semântica de intensificação, e duas de elaboração.

É possível ainda tecer algumas considerações sobre a geração de novos significados através da organização morfológica e o impacto que as diferentes organizações acarretam. Para apontar como os morfemas se organizam diante da necessidade de geração de novos significados tomaremos um exemplo de ‘transcategorização’ (*transcategorization*) que não pertence ao corpus de estudo da presente pesquisa, mas que pode iluminar questões acerca da geração de significados.

Sobre a ‘transcategorização’ (*transcategorization*), Halliday e Matthiessen, (1999, p. 242) apontam que é “uma forma de metáfora gramatical que é encontrada nas línguas de maneira geral e que é um processo natural aplicado para expandir e enriquecer o potencial de significados”²¹. Sob essa perspectiva então, os autores apontam que esse fenômeno implica: “i) que o étimo (morfema de base) pertença a uma das classes principais; ii) que pelo menos alguns étimos possam ser transferidos de classe, através de algum meio gramatical - sintático e/ou morfológico”²² (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1999, p. 242).

²¹ Para uma discussão mais detalhada acerca de **metáfora gramatical**, conferir Halliday E Matthiessen, (1999)

²² **Minha tradução de:** “(i) that each etymon belongs inherently to a major class; (ii) that at least some etymons can be transferred to another class — by some grammatical means, syntactic and/or morphological.”

Para exemplificar esse fenômeno, traremos para discussão um exemplo de metáfora gramatical-transcategorização- retirado de uma figura na web (Anexo A). Na figura, além da imagem, podemos verificar a seguinte porção de texto:

Exemplos 71: “Se você não está **de boas**, não venha **desdeboar** os **deboadores**”

No **Exemplos 71** acima, em negrito, estão a frase preposicional ‘**de boas**’ que realiza o Participante na oração, o verbo ‘**desdeboar**’, que realiza o Evento no grupo verbal que realiza por sua vez o Processo na oração, e ‘**deboadores**’, que realiza o Ente no grupo nominal que realiza o Participante. Nesse movimento podemos verificar uma transcategorização, na qual uma frase preposicional é mudada de ordem e realizada como uma palavra verbal: verbo, e em seguida por uma palavra nominal: substantivo. Assim, através da derivação, foi possível no exemplo expandir o potencial de significado: neste processo, em primeiro lugar, a frase preposicional se torna o morfema experiencial do verbo, cujo status como experiência transitória é habilitado pelo morfema interpessoal.

No verbo ‘**desdeboar**’ é ainda possível verificar a modificação da experiência através da realização do morfema lógico-semântico (MLS) ‘des’, que realiza uma relação de elaboração com o ME ‘debo’. Em seguida, é realizada uma experiência permanente, através da derivação, pelo substantivo ‘**deboadores**’. Esse processo exemplifica como a estrutura se reorganiza quando é necessário realizar novos significados.

Diante dos resultados apresentados no presente capítulo é possível realizar uma discussão, relacionando os resultados encontrados nesta dissertação com as áreas de estudo que podem aplicar os subsídios oferecidos, a saber, os estudos descritivos, teóricos e aplicados.

4.2 Discussão dos resultados

Como apresentado no capítulo de fundamentação teórica desta dissertação, os estudos linguísticos, no caso da presente dissertação, de descrição linguística calcada na teoria sistêmico-funcional, podem oferecer subsídios para a criação ferramentas semióticas com potencial de aplicação em vários estudos que podem ser agrupados, como apontado por Halliday (2002,2003) em i) estudos descritivos; ii) estudos teóricos; iii) estudos aplicados. Conseqüentemente, do ponto de vista da abordagem

linguístico-funcional da tradução que orienta a presente pesquisa, é possível também vincular os estudos da tradução de base sistêmico-funcional a esses três agrupamentos (cf. FIGUEREDO, 2011). A seguir será apresentado como a presente pesquisa pode contribuir com estudos descritivos, aplicados e teóricos tanto da perspectiva dos estudos linguísticos de base sistêmico-funcional quanto da perspectiva da abordagem sistêmico-funcional da tradução.

4.2.1 Estudos descritivos

Como apontado no capítulo de fundamentação teórica, os estudos descritivos se baseiam em categorias teóricas “que são gerais a todas as línguas, e evoluem de acordo com a construção de um modelo abstrato da linguagem como sistema semiótico superior” (cf. Halliday, 2002 e 2003, Figueredo, 2011) e metodologias de descrição, no caso desta pesquisa, de base sistêmico-funcional, para descrever sistemas ainda não descritos.

Sob essa perspectiva, o presente trabalho apresenta contribuições dentro dos estudos descritivos na medida em que apresenta a descrição de uma área do sistema linguístico do português brasileiro ainda não examinada exhaustivamente, a saber, o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, que organiza a estrutura lógica do verbo. Como apontado no capítulo de fundamentação teórica desta dissertação, o sistema descrito no presente trabalho é de grande importância, já que é responsável por organizar a modificação de experiências de maneira a criar novas, aumentando assim o potencial de construção de significados linguísticos. Assim, o presente trabalho contribui com um corpo de trabalhos de descrição linguística do português brasileiro calcados na teoria sistêmico-funcional (cf. ARAÚJO, 2007; FIGUEREDO, 2007; FIGUEREDO, 2011; FIGUEREDO; PAGANO; FERREGUETTI, 2014; SÁ, 2016).

Sob a perspectiva dos Estudos da Tradução, é possível vincular a tradução aos três tipos de estudo. Do ponto de vista dos estudos descritivos, a tradução é abordada como produção multilíngue de significado e sob uma perspectiva tipológica, enfocando o contraste entre os sistemas linguísticos. O termo “multilíngue”, como já apontado na fundamentação teórica, é entendido sob duas perspectivas complementares: abordando o polo instancial do contínuo de instanciação, sob a perspectiva do contato entre duas instâncias produzidas através do contato, estabelecendo uma relação de

equivalência entre elas; e movimentando-se para o polo potencial do contínuo, examinando não só as instâncias mas as configurações dos sistemas potenciais de produção de significado em contato, em específico no contexto da tradução, que é entendida como um tipo particular de produção de significado.

Os estudos derivados da descrição sob a perspectiva dos Estudos da Tradução possibilitam, como aponta Figueredo (2011, p.47), “estabelecer uma tipologia entre as línguas e examinar como acontece a produção de significados no contexto multilíngue”.

Como apresentado na fundamentação teórica, Teich (1999, 2001) aponta parâmetros para que um modelo de tradução tenha potencial de aplicação, a saber, 1) categorias de representação do sistema linguístico que tenham potencial de aplicação aos sistemas envolvidos; 2) deve permitir as análises do contato entre os sistemas e sua instanciação nos textos e 3) deve possibilitar a ancoragem de estratégias, procedimentos e conceitos dos Estudos da Tradução. Partindo deste pressuposto, é possível apontar a contribuição da descrição linguística aos estudos tradutórios.

Em primeiro lugar, é possível, com base nas categorias teóricas, e metodologia adequada, desenvolver descrições dos sistemas das línguas sob exame, possibilitando assim, a aplicação nas línguas sob exame.

Tomando-se a descrição linguística como passo imprescindível, a descrição linguística de base sistêmico funcional apresentada na presente pesquisa apresenta subsídios que possibilitam a análise do contato entre os sistemas sob uma perspectiva multilíngue, bem como a sua instanciação no texto.

Partindo-se do terceiro parâmetro apresentado por Teich (1999), o modelo linguístico deve permitir a ancoragem dos procedimentos e conceitos particulares da área dos Estudos da Tradução e, conseqüentemente, a descrição linguística oferece subsídios indispensáveis que possibilitam essa ancoragem, já que são realizadas de acordo com o modelo linguístico e particulares de cada sistema.

Sob essa perspectiva geral retraçada nos parágrafos acima, é possível acomodar os conceitos dos Estudos da Tradução, a saber, correspondência formal, equivalência e mudança (cf. Catford, 1965; Teich, 1999; Matthiessen, 2001) no contraste entre sistemas linguísticos já descritos das línguas sob exame.

Como apontou Sá (2016), os sistemas que organizam a estrutura do verbo no inglês não foram descritos, o que impossibilita estabelecer relações de

correspondência formal entre os sistemas de produção de significado, especialmente os sistemas de organização da estrutura lógica do verbo, que foi descrita no presente trabalho. Contudo, é possível traçar algumas considerações, contrastando o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA com uma taxonomia apresentada por Halliday (2008) sobre a derivação no inglês, realizada por prefixos e sufixos.

Para apresentar o contraste, faz-se necessário reapresentar o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, apresentado anteriormente, bem como a taxonomia apresentada com base em Halliday (2008). A Figura 12 a seguir reapresenta o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, e a Figura 13 apresenta os significados realizados por derivação no inglês.

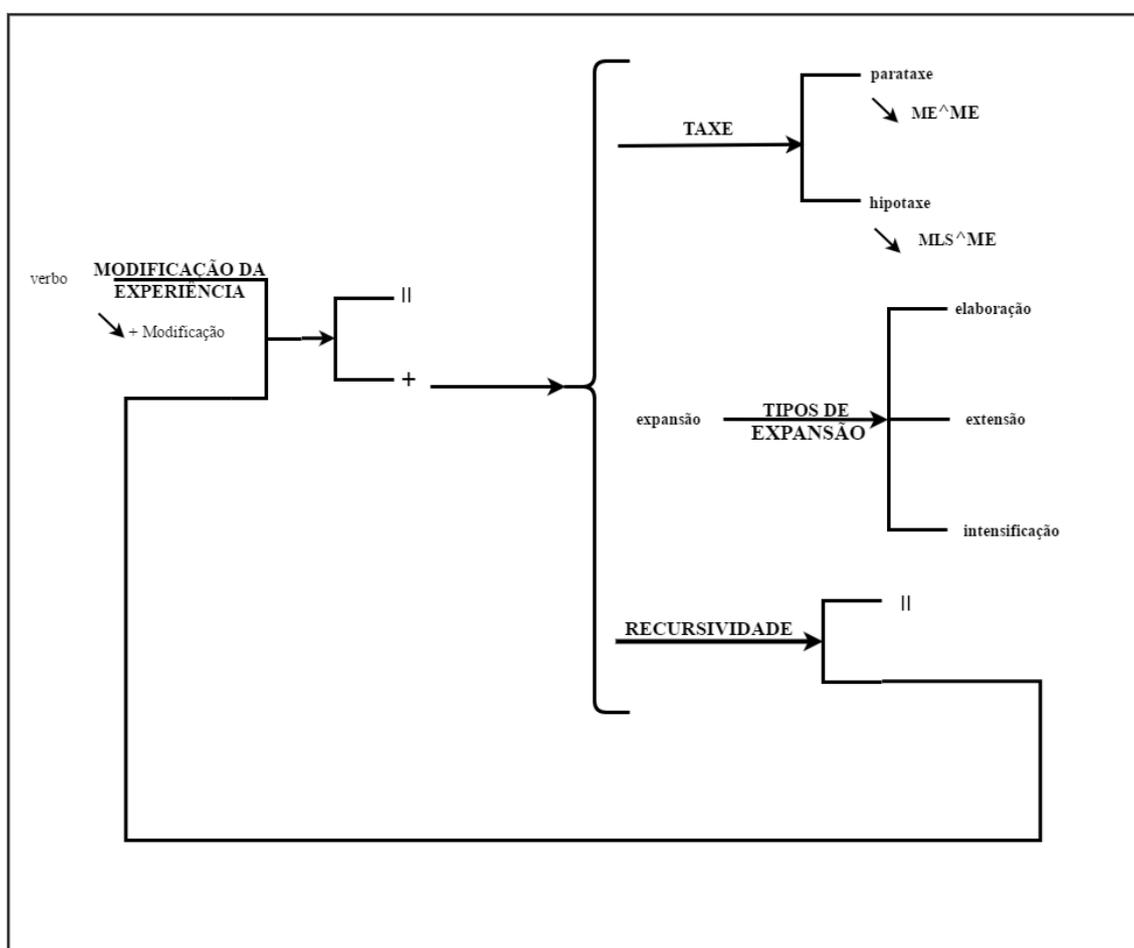


Figura 12- Sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Fonte: elaborado para fins deste estudo

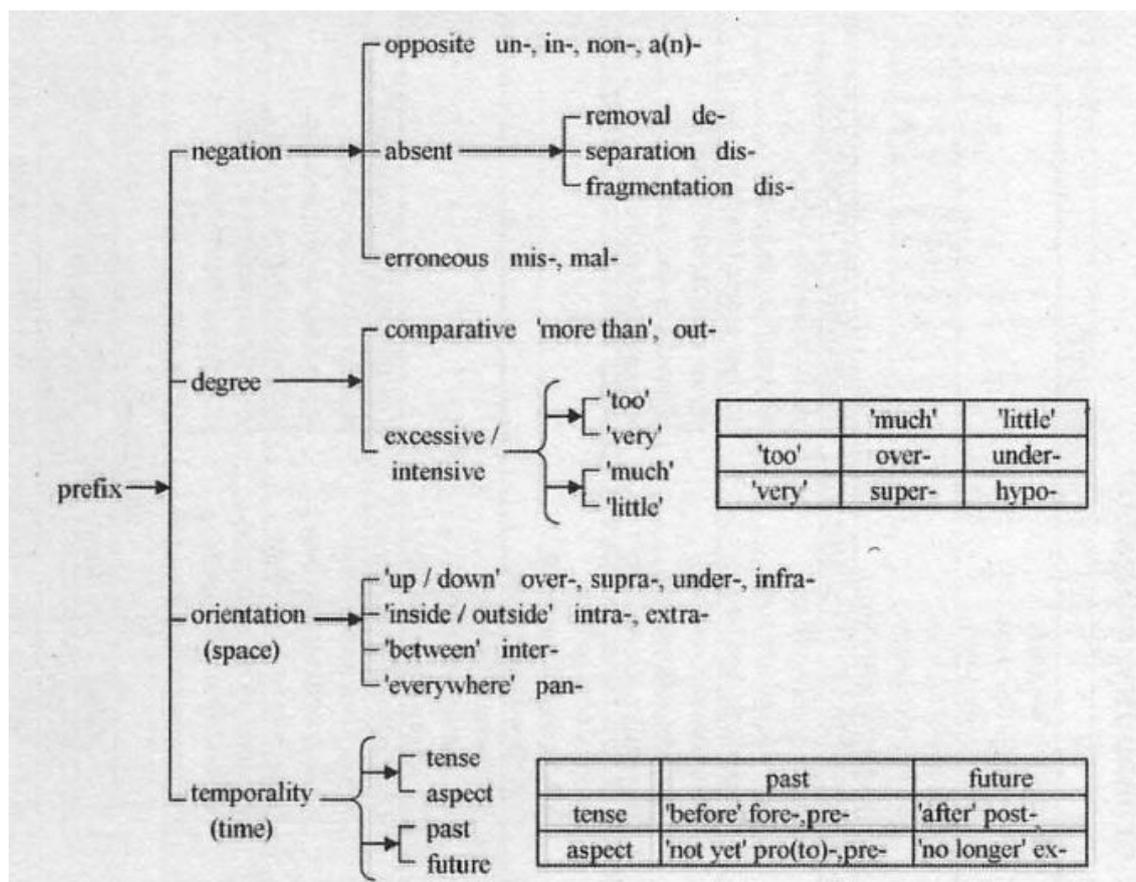


Figura 13- Significados realizados por derivação no inglês
 Fonte: Halliday (2008)

O sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA organiza a estrutura lógica do verbo no português brasileiro, construindo significados de relações lógico semânticas e de taxe, e possibilitando a recursividade. O sistema responsável por organizar os significados de relações lógico-semânticas, é o sistema de TIPOS DE EXPANSÃO, visto que não são estabelecidas relações de projeção entre os morfemas lógico-semânticos e os morfemas experienciais, nem entre morfemas experienciais. O sistema de TIPOS DE EXPANSÃO oferece opções de elaboração, extensão e intensificação. O sistema de TAXE organiza os significados das relações de parataxe, realizada pela estrutura ME^ME, ou hipotaxe, realizada pela estrutura MLS^ME. Por fim, o sistema de RECURSIVIDADE possibilita que as opções do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA sejam acessadas novamente.

O sistema de TIPOS DE EXPANSÃO gera opções de que constroem significados de elaboração, extensão e intensificação. Em verbos nos quais são construídas relações de **elaboração**, um elemento secundário expande o primário especificando,

reiterando ou apresentando uma contrapartida negativa da experiência. Em relações de **extensão**, o elemento secundário adiciona significados ao primário. Por fim, em relações de **intensificação**, os elementos secundários expandem através de significados circunstanciais de tempo, localização espacial e temporal, etc. O Quadro 15 abaixo apresenta exemplos dos três tipos de relações estabelecidas.

Quadro 15- Exemplos relações lógico-semânticas

Exemplo (72)	des	ligu	amos
	= β	α	
Exemplo (73)	a	credit	ava
	+ β	α	
Exemplo (74)	pré-	aquec	er
	x β	α	
Morfemas	MLS [^]	ME+	MI

Fonte: Elaborado para fins deste estudo

Halliday (2008) apresenta uma taxonomia classificando os tipos de prefixos que realizariam significados congruentes. O autor apresenta significados realizados por prefixação que divide em de negação (*negation*), realizado pelos morfemas *un-*, *in-*, *non-*, *de-*, *dis-*, *mis-*, *mal-*; de grau (*degree*), realizados por *out-*, *over-*, *under-*, *super-*, *hypo-*; de orientação espacial (*orientation-space*), realizado por *over-*, *supra-*, *under-*, *infra-*, *extra-*, etc.; e temporalidade (*temporality*), *pre-*, *post-*, *ex-*, etc.

Note-se, que, como enfatizado anteriormente, Halliday (2008) não apresenta a descrição dos sistemas que organizam o verbo no inglês, e conseqüentemente, não é possível estabelecer correspondência formal entre as duas línguas na ordem da palavra (verbo). Contudo, é possível esboçar algumas considerações. Em primeiro lugar, é possível examinar os significados de elaboração construídos no português, como o **Exemplo (72)**, e contrastá-lo com o **Exemplo 75**, extraído do COCA (*Corpus of Contemporary American English*).

Exemplo 75: “And so what we’re truing to do is **undo** what Jaws did”

No verbo “*undo*”, em negrito no **Exemplo 75** acima, a experiência realizada pelo morfema “*do*” é modificada pelo morfema “*un*”, que estabelece uma relação de contrapartida negativa, contrária. Note-se que, como no português, a experiência é totalmente possível sem a modificação realizada pelo sem o prefixo. Essa modificação poderia ser considerada congruente à relação de **elaboração** descrita no sistema que organiza o verbo no português brasileiro. Essa possível congruência também pode ser verificada no verbo no **Exemplo 76** a seguir, extraído do COCA (*Corpus of Contemporary American English*), no qual o prefixo estabelece uma relação congruente à de intensificação descrita no português brasileiro.

Ex. (76): “*By the way, people can order, **preorder** an autographed copy (...)*”.

Como podemos verificar no **Exemplo (76)** acima, na estrutura do verbo “*preorder*” em negrito, o morfema “*pre*” estabelece uma relação que pode ser considerada congruente à de intensificação, podendo ser agnada por uma circunstância de tempo.

É importante ressaltar que a estrutura da palavra verbal: verbo no inglês não foi descrita, e desta maneira, não é possível afirmar que esses significados estabelecem uma relação de correspondência formal. Para que uma análise contrastiva seja realizada e correspondentes formais sejam estabelecidos é necessário que o sistema que organiza a estrutura do verbo seja descrito no inglês.

4.2.2 Estudos teóricos

Como apontado na fundamentação teórica desta pesquisa, as descrições linguísticas de base sistêmico-funcional podem oferecer subsídios que se voltam para a própria teoria, na medida em que podem ajudar a elucidar fenômenos ainda não contemplados e reformular visões já consolidadas, aumentando o escopo da teoria e auxiliando em seu desenvolvimento.

A presente pesquisa contribui na consolidação e expansão da teórica de base, a sistêmico-funcional, na medida em que, com base no modelo linguístico e em método adequado, realiza a descrição de um sistema ainda não contemplado em maior grau de delicadeza e, assim, apresenta subsídios que validam a teoria sistêmico-funcional, contribuindo assim com a sua expansão.

Da perspectiva dos Estudos da Tradução, os estudos teóricos têm como objetivo estabelecer uma teoria da tradução, entendendo a tradução como um objeto de estudo em se mesmo, mas conservando uma base linguística e que possa ser relacionada com áreas afins dentro de uma perspectiva multilíngue. Sob a visão adotada na presente pesquisa, a tradução é entendida como um subpotencial particular de produção de significado, decorrente do contato entre sistemas.

Partindo do pressuposto de que os três parâmetros apontados por Teich (1999/2001), a saber, i) categorias com potencial de aplicação interlinguística; ii) possibilidade de exame dos sistemas em contato e sua instanciação; iii) ancoragem de conceitos particulares da área de tradução; sejam cumpridos para que um modelo de tradução seja consolidado, descrições linguísticas se mostram passos imprescindíveis, em particular sob a perspectiva do segundo parâmetro. Teich (2001) afirma que conhecimentos cruciais para a tradução incluem conhecimentos linguísticos, em especial conhecimentos de linguística contrastiva envolvido na tradução. Desta forma, para que uma teoria de tradução de base linguística seja consolidada, Teich (2001) afirma que “um passo de suma importância no caminho de teorizar e modelar a tradução é examinar e descrever o conhecimento linguístico contrastivo envolvido no processo” e aponta ainda que “o enfoque está no que é comum e divergente no contato linguístico”.

Nesse sentido, a presente pesquisa contribui com os estudos teóricos. A descrição de sistemas que são instanciados no texto, no caso da presente pesquisa do sistema de modificação da experiência, é passo imprescindível para a teorização e consolidação de um modelo de tradução com base linguística. Como aponta Teich (2001, p.193), “para que o conhecimento linguístico contrastivo envolvido na tradução seja modelado adequadamente, análises contrastivas têm que ser feitas extensivamente”²³ e conseqüentemente os sistemas envolvidos precisam ser descritos com base nos parâmetros adotados na presente pesquisa.

²³ **Minha tradução de:** “For building a model of the contrastive knowledge involved in translation, large-scale contrastive-linguistic analyses of translations have to be carried out.”

4.2.3 Estudos aplicados

Do ponto de vista dos estudos aplicados, descrições linguísticas podem oferecer subsídios que contribuem em várias áreas, dentre elas a linguística computacional, no contexto educacional, áreas da saúde, tanto da perspectiva monolíngue quanto da multilíngue, com destaque para a tradução.

Da perspectiva monolíngue, os trabalhos de descrição de base sistêmico-funcional podem contribuir com o desenvolvimento de materiais didáticos para a aplicação em contextos educacionais, oferecendo subsídios que contribuem na compreensão dos sistemas que organizam os significados e sua instanciação no texto em português. Do ponto de vista multilíngue, os resultados da presente pesquisa podem contribuir oferecendo subsídios que permitam o exame dos sistemas em contato no ambiente multilíngue, nas áreas da Linguística Contrastiva, Linguística Tipológica e em particular os Estudos da Tradução.

Como enfatizado na seção anterior, Teich (1999, 2001) aponta para a importância dos conhecimentos linguísticos, especialmente conhecimentos contrastivos para a implementação e consolidação de uma teoria de tradução. Nesse sentido, a vertente teórica estabelece uma interface com a aplicada, na medida em que para que sejam realizadas pesquisas que tenham como enfoque o contato entre sistemas, a descrição dos sistemas em questão se faz imprescindível. Desta maneira, os resultados podem contribuir com pesquisas futuras na área dos Estudos da Tradução, possibilitando a realização de estudos contrastivos, que podem, por sua vez, ser aplicados no desenvolvimento de ferramentas de tradução automática e treinamento tanto de tradutores quanto de linguistas.

No capítulo seguinte são tecidas as considerações finais do trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, partindo da interface entre os Estudos Linguísticos e os Estudos da Tradução, adotou uma abordagem sistêmico-funcional da tradução, inserindo-se assim nas abordagens linguísticas da tradução (Malmkjaer, 2005). Mais especificamente, como apresentado na introdução, o presente trabalho adota uma perspectiva de estudos mais recentes (cf. Matthiessen, 2001; Steiner, 2001; Teich, 1999/2001), a qual aborda a tradução e os Estudos da Tradução sob a perspectiva do contínuo de instanciação, possibilitando que, em primeiro lugar, seja possível caminhar do polo instancial em direção ao polo do potencial, permitindo o exame não só às instâncias, mas aos sistemas que são instanciados. Assim, na introdução foi traçado o ambiente teórico no qual se insere a presente pesquisa, apresentando a afiliação da dissertação dentro do mapa teórico dos Estudos da tradução, inserindo-a dentro dos estudos orientados ao produto, adotando uma abordagem linguística da tradução. Mais especificamente, inserindo-se dentro da abordagem sistêmico-funcional da tradução.

No capítulo de fundamentação teórica, foram lançados os fundamentos da interface entre os estudos linguísticos de base sistêmico-funcional e os Estudos da Tradução, apontando teóricos que tomam a LSF como modelo linguístico de base para ancoragem dos conceitos dos Estudos da Tradução, como equivalência, correspondência formal e mudança. Foram apresentados os fundamentos de descrição linguística de base sistêmico-funcional de orientação tipológica, apresentando a diferença entre teoria e descrição, e apontando categorias teóricas e descritivas fundamentais na descrição de sistemas linguísticos (unidade, estrutura, sistema e classe). Por fim, foram apresentadas as dimensões da linguagem sob a perspectiva da LSF e a importância de seu entendimento na articulação das descrições linguísticas, em particular para a descrição da estrutura lógica do verbo no português brasileiro.

Como apresentado na introdução e na fundamentação teórica desta dissertação, da perspectiva da abordagem sistêmico-funcional da tradução, a tradução é considerada um subpotencial de produção de significados, decorrente do contato linguístico e que pode ser inserida num ambiente mais amplo que investiga a

língua e o contato linguístico, dentro de um ambiente multilíngue (cf. Matthiessen, Teruya e Wu, 2008).

Como apontado na introdução e no capítulo de fundamentação teórica, com vistas a consolidar uma teoria da tradução afiliada aos Estudos da Tradução, Teich (1999/2001) aponta três parâmetros essenciais. Em primeiro lugar, é necessário que sejam realizadas descrições, calcadas em um modelo multidimensional, dos sistemas comparáveis entre as línguas sob exame. Nesse sentido, em confluência com os trabalhos mais recentes sob a abordagem sistêmico-funcional da tradução, a presente pesquisa adota uma perspectiva tipológica de descrição linguística (cf. Caffarel, Martin e Matthiessen, 2004). Em segundo lugar, as descrições possibilitam a comparação/contraste dos sistemas em contato. Por fim, são examinadas as motivações das escolhas tradutórias.

Sob essa perspectiva, encontramos a justificativa de trabalhos de descrição de base sistêmico-funcional orientadas para os Estudos da Tradução, pois o modelo teórico permite a acomodação dos parâmetros apontados no parágrafo acima, levando em consideração que a descrição dos sistemas é passo imprescindível na busca pela consolidação de uma teoria de tradução que seja afiliada aos Estudos da Tradução baseada num modelo linguístico.

Os trabalhos de descrição no âmbito da LSF e dos Estudos da Tradução apresentam potencial de aplicação em estudos variados: descritivos, contribuindo para as descrições de sistemas do português, orientando para os Estudos da Tradução; teóricos, consolidando a LSF e oferecendo subsídios que permitam a consolidação de uma teoria de tradução de base linguística, afiliada aos Estudos da Tradução; e aplicados, oferecendo subsídios para o ensino de línguas, bem como para o treinamento de tradutores e implementação de ferramentas automáticas de tradução.

Tendo traçado a fundamentação teórica, foi apresentado o objeto de estudo da dissertação. No capítulo 3, o verbo foi apresentado sob uma perspectiva trinocular, de acordo como descrito por Sá (2016), em especial a estrutura de modificação da experiência, que realiza o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, que foi descrito em maior grau de delicadeza na presente dissertação. Na subseção 3.1, foram tecidas questões acerca de estruturas lógicas de maneira geral para melhor entendimento de como esse tipo de estrutura funciona, de maneira a facilitar o entendimento de como a estrutura lógica do verbo se comporta. Na seção 3.1.1, foram discutidas questões

acerca da perspectiva semogenética-filogenética do verbo, relacionando essa visão da LSF com as perspectivas diacrônica e sincrônica e sua relação de complementaridade.

No capítulo de metodologia, foram apresentados o corpus de pesquisa, o CALIBRA, que serviu de fonte de dados para a compilação de um corpus de estudo composto por aproximadamente 9800 *tokens* distribuídos nas variáveis funcionais da linguagem em contexto. Foi apontado como o corpus de estudo foi disposto e analisado manualmente em planilhas eletrônicas com vistas a realizar a descrição do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo.

Em seguida, no capítulo de resultados e discussão foram relatados os resultados da pesquisa. Em suma, o sistema que organiza a estrutura lógica do verbo foi descrito em maior grau de delicadeza. Os resultados mostram que a estrutura lógica do verbo é organizada em termos de *taxe* e relações lógico-semânticas de expansão, com a opção de iteração na seleção do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA. O exame ao corpus mostra que o primeiro movimento de modificação realizado é do núcleo para a direita, com a modificação obrigatória realizada pelo MI, mas essa modificação não faz parte da estrutura lógica do verbo, por realizar a orientação apenas interpessoal do verbo. A modificação lógica é realizada do núcleo para a esquerda, podendo ser realizada por MEs modificando o núcleo, numa relação de *parataxe*, e/ou por MLSs modificando o núcleo, numa relação de *hipotaxe*, iterativamente. Os resultados mostram que apenas relações de expansão (*extensão*, *elaboração* e *intensificação*) são realizadas na estrutura lógica do verbo no português brasileiro, não sendo encontradas relações de *projeção*.

Os verbos foram analisados sob a perspectiva filogenética, de maneira que foram analisados os MLSs que não são mais operacionais sob uma perspectiva filogenética que focaliza o presente momento de desenvolvimento do sistema, mas apresentam morfemas que foram operacionais no passado histórico e ainda são operacionais em outros verbos. Isso permitiu apresentar um contínuo de operacionalização, onde os verbos podem ser dispostos de acordo com o grau de operacionalização do MLS na estrutura lógica do verbo.

Frente aos resultados apresentados, foi possível realizar uma discussão relacionando os resultados com as áreas as quais podem se beneficiar dos subsídios apresentados pela dissertação: descritivos, teóricos e aplicados.

Do ponto de vista dos estudos descritivos, a presente pesquisa pode oferecer contribuições no sentido de apresentar a descrição de um sistema ainda não descrito no português brasileiro. Sob o ponto de vista dos Estudos da Tradução, os resultados podem oferecer subsídios que podem contribuir no estabelecimento de uma tipologia entre línguas em relação de tradução, permitindo o exame dos contrastes e similaridades entre os sistemas em contato. Partindo da descrição do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, foi possível, em certa medida, realizar uma comparação entre o português brasileiro e o inglês, contrastando o verbo. Em certa medida, pois o sistema que organiza a estrutura lógica de palavras verbais no inglês não foi descrito, mas apenas foram apresentados significados realizados por derivação, o que pode ser considerado um passo na direção da descrição do sistema. Assim, foram tecidas algumas considerações sobre o contraste entre os significados realizados em português e inglês, ressaltando o fato de não ser possível estabelecer correspondência formal e equivalência em tradução, pois, como já apontado, o sistema que organiza o verbo no inglês não foi descrito, e, em segundo lugar, não foi realizado um estudo com textos em relação de tradução.

Sob a perspectiva dos estudos teóricos, o presente trabalho pode contribuir consolidando a LSF como modelo teórico elucidando fenômenos ainda não contemplados, auxiliando em seu desenvolvimento. Da perspectiva dos Estudos da Tradução, a presente pesquisa contribui apresentando a descrição de sistemas ainda não abordados em toda sua delicadeza, apresentando subsídios que permitem o contraste entre sistemas em contato no ambiente multilíngue, contribuindo com a futura consolidação de uma teoria da tradução de base linguística.

Da perspectiva dos estudos aplicados, o presente trabalho pode contribuir oferecendo subsídios que podem ser aplicados em contextos educacionais tanto do ponto de vista dos Estudos Linguísticos (ensino de línguas, livros didáticos), quanto do ponto de vista dos Estudos da Tradução (treinamento de tradutores, implementação de ferramentas automáticas de tradução).

Assim, é possível afirmar que o presente trabalho alcançou os objetivos traçados inicialmente. Em primeiro lugar, de maneira geral, pode contribuir para a descrição de base sistêmico-funcional do português brasileiro e conseqüentemente para os estudos sistêmicos-funcionais de maneira geral; pode contribuir para os Estudos da Tradução, oferecendo subsídios que permitam a comparação e a análise das motivações para as escolhas sistêmicas, ampliando assim a abrangência dos

Estudos da Tradução de base sistêmico-funcional e contribuindo para a consolidação de uma teoria de tradução de base linguística. A dissertação alcançou seus objetivos específicos, pois possibilitou descrever os níveis mais delicados do sistema que organiza a estrutura lógica do verbo no português brasileiro, o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, e os subsistemas que organizam os significados de taxa e relações lógico-semânticas.

Diante dos expostos, aponta-se que o presente estudo não esgotou as possibilidades com relação à estrutura lógica do verbo, julgando-se ainda necessário descrever os níveis mais delicados do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, de maneira a apontar opções mais delicadas dos tipos de expansão e sua contribuição nas ordens superiores na escala.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. G. **O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro**: uma descrição sistêmico-funcional orientada para os estudos lingüísticos da tradução. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG / PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada).
- CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Eds.). **Language typology**: a functional perspective. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.
- CATFORD, J. C. **A linguistic theory of translation**: an essay in applied linguistics. London: Oxford University, 1965.
- FERREGUETTI, K. **As orações existenciais em inglês e português brasileiro**: um estudo baseado em corpus. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG / PosLin, 2014. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada).
- FIGUEREDO, G. P. **Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG / PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada).
- FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro**: contribuições para estudos multilíngues. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG / PosLin, 2011. (Tese, Doutorado em Linguística Aplicada).
- FIGUEREDO, G. P.; PAGANO, A. S.; FERREGUETTI, K. Os sistemas textuais de focalização na organização funcional da gramática do Português Brasileiro. **DELTA**, São Paulo, 30, n. 2, Dezembro 2014. 309-352. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-445080334301692532>>. ISSN 0102-4450.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. **On Grammar. Collected Works**. London ; New York: Continuum, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. **On Language and Linguistics**. London: Continuum, v. III, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K. **Complementarities in Language**. Beijing: The Commercial Press, 2008.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning**: a language-based approach to cognition. London: Continuum, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4th. ed. Oxford: Routledge, 2014.
- HOLMES, J. S. **The Name and Nature of Translation Studies**. Third International Congress of Applied Linguistics. Copenhagen: [s.n.]. 1972.

MALMKJAER, K. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh: Edinburg University Press, 2005.

MATTHIESSEN, C. The environments of translation. In: STEINER, E. Y. C. **Exploring translation and multilingual text production, beyond content**. Berlin ; New York: Mouton de Gruyer, 2001. p. 41-124.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum, 2010.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; WU, C. Multilingual Studies as a Multi-dimensional Space of Interconnected Language Studies. In: WEBSTER, J. J. **Meaning in Context: implementing intelligent applications of language studies**. London / New York: Continuum, 2008. p. 146-220.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de corpus. In: ALVES, F., et al. **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 177-207.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2014. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>.

SÁ, A. D. M. **Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução**. Belo Horizonte: [s.n.], 2016.

STEINER, E. How (Translated and otherwise Interlingual) Texts Work is our Way into what, why and to what Effects. **Target. International Journal of Translation Studies**, Saarbrücken, 2001. 343-348.

STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). **Text, Translation, and Computational Processing. Exploring translation and multilingual text production: Beyond content**. Berlin ;New York: Mouton de Gruyer, 2001.

TEICH, E. Contrastive linguistics and translation studies revisited. In: GIL, A. **Modelle der Translation: Grundlagen für Methodik, Bewertung, Computermodellierung**. Frankfurt am Main & Berlin: Lang, 1999. p. 507-521.

TEICH, E. Towards a Model for the Description of Crosslinguistic Divergence and Commonality in Translation. In: ERICH, S.; COLIN, Y. **Text, Translation, and Computational processing. Exploring translation and multilingual text production: beyond content**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 191-227.

TEICH, E. **Cross-Linguistic Variation in System and Text-A Methodology for the Investigation of Translations and Comparable Texts**. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2003.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

ANEXOS

Anexo A

